

## À Margem de Uma Tradução

EXAMINANDO a dramaturgia das duas superpotências nucleares mundiais da nossa era tecnológica, verificaremos que não existem blocos monolíticos e maciços nem no campo norte-americano nem no russo. Ao lado do teatro comercializado e "digestivo" da Broadway deparamos com o teatro vital e decisivo da Off-Broadway, ao passo que na União Soviética se ergue, liderado por Evtuchenko, o côro crescente dos "jovens irados" antistalinistas e do antiobscurismo cultural. São os que combatem a ditadura esterilizante de Jdanov, que triunfará na pintura minuciosamente fotográfica do "realismo social", nos romances e peças esterilizados por um otimismo patriota e sentimental artificial, sufocados por um critério vitoriano e "burguês" da moral. Era, finalmente, a reação contra 40 anos de estultície, de conformismo extremo simbolizado idealmente pelo teatro de Arbusov, o que recebia o imprimatur entusiasta da Comissão de Kultura soviética

INSTITUTO DE ARTES  
BIBLIOTECA

contra a qual Brecht ousou erguer a voz. Ele próprio, aliás, o magnífico Brecht, se limita, no campo comunista, a invectivar contra os pontos, aliás vulnerabilíssimos, de um capitalismo opressor, sem, contudo, criticar jamais as chagas igualmente visibilíssimas da sociedade totalitária marxista. Será o caso de estudar essa forma sui generis de alienação, que foge à tarefa social e ética de uma crítica construtiva dos mores de uma sociedade e de suas imperfeições estruturais e humanas.

Mas, voltando ao teatro norte-americano, encontraremos, em sua variada produção deste século, depois de O'Neill, Elmer Rice, Lillian Hellman e outros, a messe da década dos 50, na qual sobressaem Arthur Miller — com sua temática social e seu teatro de idéias — e Tennessee Williams. As peças desse decênio focalizam principalmente o problema que me parece fundamental da psique americana: o do inconformismo do indivíduo a um certo modo de vida e a certas convenções sociais. Esse teatro é, portanto, descritivo do isolamento do indivíduo dentro de uma sociedade e da sua luta pela sobrevivência de sua individualidade, como tal, dentro de uma estrutura coletiva na qual imperam valores da massa. Esse isolamento, embora tenha seu tanto de splendid isolation, é na maioria das vezes uma revelação cabal da inaptidão dos sensíveis a se adaptarem a leis da selva de um mundo materialista e egoísta, povoado de filisteus ávidos de lucro e indiferentes ao sofrimento alheio. Com insistência monocórdia os dramaturgos americanos — como seus colegas importantes do mundo ocidental — apresentam no palco personagens acossados pelo inconformismo, seres que vivem vo-

luntariamente "à margem da vida", à margem da realidade brutal e inclemente. Se para outros autores esses marginais são homossexuais (Chá e Simpatia, de solução comercializada e happy end), toxicômanos, alcoólatras (A Hatful of Rain), fracassados (Picnic), etc., os protagonistas das tragédias de Tennessee Williams preenchem toda a gama das anomalias dos que se opõem a pactuar, a aceitar as sórdidas "regras do jogo". Mas o Inferno em que se movem tem como dístico à entrada o da mais sinistra e total Frustração. Praticamente todos os "anti-heróis" de Williams sucumbem, vítimas da mesma dilaceração americana entre o seu inato idealismo romântico-humanitário e a realidade circundante.

Pode-se dizer que a sua dramaturgia contém dois personagens fundamentais, que se repetem, sob diversas formas, em quase todas as suas obras: um deles, a diáfana Laura desta peça (que é o primeiro esboço da Alma de Anjo de Pedra e da Blanche Dubois de Um Bonde Chamado Desejo), constitui como que um novo Dom Quixote de um reino interior, que povoa com figuras criadas pela sua imaginação o deserto árido em que vive, derrotada pela realidade e presa da solidão. Geralmente essa mulher-tipo da maioria de suas peças (uma transposição digna da Albertine, de Proust) vive num mundo fictício ou passado, de ideais nobres, de ilusão, de lanternas coloridas que ocultam o chocante prosaísmo da vida diária. É em parte o caso da mãe, Amanda, e sua evocação fantasiosa e nostálgica do Sul dos Estados Unidos, com seu ideal de cavalheirismo, de objetivos elevados, não-utilitaristas, de uma existência aristocrática e refinada.

Contrastando com essa figura-chave irreal e fascinante, "o manto diáfano da Fantasia", irrompe, destruindo-a, o personagem de Jim ou de Stanley Kowalsky de Um Bonde Chamado Desejo: a encarnação da brutalidade animal, do instinto cego, da força do sexo, do dinheiro, da matéria, "a nudez crua da verdade". Esse Sancho Pança poderoso e maléfico desmorona, quase sempre, o castelo nas nuvens de seus antagonistas, aniquilando-os também espiritual ou fisicamente.

É o que, já em embrião, revela esta peça digna, em muitos momentos, de Tchecov: o choque inevitável e insanável entre a realidade e a imaginação, a sensibilidade maravilhosa de Laura e o mundo quadrado de Jim, feito de cifras, de ambições de "sucesso", de estereis e mecânicas convenções.

O personagem puro, poético, Laura, é imolado por esse "representante do mundo exterior", como ele é descrito e que, diametralmente oposto ao "deus ex machina" dos antigos, surge ao contrário como demoníaco catalisador da derrota, da morte, do estrangulamento do espírito e da alma. Simbolicamente, destrói-se a peça mais frágil e mais bela da coleção de animaizinhos de vidro que dá título à peça no original inglês. Desfaz-se o sonho, substituído pelo pesadelo ou, pior talvez, pelo vácuo, pela negação, pelo nada. É possível que nenhuma cena possa ilustrar melhor o mundo poético da sensibilidade e da angústia de Tennessee Williams do que o encontro entre Laura e o "cavalheiro de visita", que significa para ambos coisas tão diversas, incompatíveis mesmo.

Minha melhor recompensa, ao traduzir A Margem da Vida, seria a de despertar entre os que

ainda não conhecem Tennessee Williams, o fascínio que seu mundo desperta nos palcos de todo o globo — de Nova York a Moscou, de Madri ao Rio de Janeiro — e no coração de todos os que já viram ou leram suas obras. Elas possuem uma profunda afinidade eletiva com a sensibilidade brasileira: o Sul dos Estados Unidos e o nosso Nordeste, a Bahia e Nova Orleães, mutatis mutandis, ou, talvez, a semelhança entre as aristocracias rurais do Mississípi e de São Paulo, conforme as retrata Jorge de Andrade no setor nacional. Para os que, cega ou ingênuamente, vêem no dramaturgo norte-americano um "alienado dos problemas sociais", recomendamos a leitura de seu prefácio, "A Catástrofe do Sucesso" . . . como se pudesse existir uma arte teatral legítima que não refletisse, de alguma forma, uma consciência social!

Finalmente, seja-me permitido confessar que a tradução dessa peça constitui para mim um trabalho de sincera e calorosa dedicação. Tentei dar aos diálogos a vivacidade e a espontaneidade saborosa que possuem no original, com sua alternância de cenas pateticamente cômicas e sombriamente trágicas; quis reproduzir as palavras um tanto pedantes de Amanda, mas cheias de uma graça requintada e antiquada, permeadas de doce melancolia, contrastando com as palavras "eraras e terra-a-terra" de Jim e os monólogos pungentes de Tom, um eco longínquo do jovem Tennessee Williams.

Uma tradução será sempre, creio, uma adaptação, por melhor que seja, pois as imagens mentais que as palavras e as frases despertam variam de língua para língua. A melhor tradução, parece-me, deve ser sempre a que conseguir incorporar a outro

*idioma a intenção, o espírito, a essência, o colorido específico de uma obra, sem violar o original nem pecar contra o idioma para o qual se traduz. Afinal, o máximo que se conseguirá obter será uma reprodução do quadro ou a transposição, para outro tom, de uma melodia.*

LÉO GILSON RIBEIRO

## A Catástrofe do Sucesso

*(Este ensaio, publicado pela primeira vez no New York Times e mais tarde reproduzido na revista Story, é incluído agora, como introdução, na presente edição desta peça.)*

ESTE inverno assinalou o terceiro aniversário da estréia, em Chicago, de *A Margem da Vida*, um evento que pôs término a uma parte de minha vida e começou outra tão diferente da precedente em tôdas as circunstâncias externas quanto será fácil imaginar. Fui arrancado de meu quase anonimato e atirado aos píncaros de uma fama repentina e, do precário aluguel de quartos mobiliados em várias regiões do país, fui trasladado para um apartamento de um hotel de primeira classe em Manhattan. Minha experiência não foi única, pois o sucesso muitas vêzes já irrompeu, da mesma forma abrupta, na vida de muitos americanos. A história de Cinderela é nosso mito nacional favorito, a pedra fundamental da indústria cinematográfica, senão da própria Democracia. Eu já a vira representada na tela tantas vêzes que estava agora inclinado

a recebê-la com um bocejo de enfado, não com descrença mas com a atitude de quem desse de ombros, exclamando: "Que bem me importa!" Qualquer pessoa dotada de dentes e cabelos tão lindos, como a protagonista cinematográfica de tal história, tinha, por força, que se divertir a valer, fôsse como fôsse. Você podia apostar seu último dólar e todo o chá da China em que aquela estrêla nunca seria vista, viva ou morta, em qualquer tipo de reunião que exigisse um mínimo de consciência social.

Não, minha experiência não era excepcional, mas por outro lado não era tampouco comum e caso você esteja disposto a aceitar a tese um tanto eclética de que eu não escrevera tendo em mente tal experiência — e há muita gente não disposta a crer que um dramaturgo possa estar interessado em outra coisa que não seja o sucesso popular — talvez haja certa razão para compararmos estas duas fases de minha vida.

A vida que eu levava antes de atingir êsse sucesso de público era do tipo que exigia resistência e tenacidade, que me fazia agarrar-me à superfície cheia de arestas que me feriam e me obrigavam a prender-me firmemente, com unhas e dentes, a cada centímetro de pedra colocado mais alto que o precedente — mas era uma vida substancialmente boa porque era do tipo para o qual o organismo humano é criado.

Eu só me dei conta de quanta energia vital eu despendera naquela luta quando esta cessou. Encontrei-me então num planalto, com meus braços ainda se agitando no ar e meus pulmões sorvendo sôfregamente um ar que já não oferecia resistência. Isto era a segurança, afinal.

Sentei-me e olhei a meu redor e de repente me senti muito deprimido. Pensei comigo mesmo: não é nada, é só o período de adaptação. Amanhã de manhã, acordarei neste hotel de luxo, pairando sôbre o ruído discreto que sobe de um bulevar dos quarteirões elegantes do East Side e então apreciarei seu requinte e mergulharei em seu conforto, consciente de que

cheguei ao nosso conceito americano do Olimpo. Amanhã de manhã, quando eu olhar para êste sofá de cetim verde, me apaixonarei por êle. É só agora, temporariamente, que aquêle cetim verde me dá a impressão de limo em água estagnada.

Mas na manhã seguinte o sofazinho inofensivo parecia ainda mais repugnante do que na noite anterior e eu já começava a engordar demais para usar o terno de 125 dólares que um conhecido elegante escolhera para mim. Na suíte que eu ocupava, objetos começaram a quebrar-se acidentalmente. Um braço saiu do sofá. Queimaduras de cigarro apareciam na superfície brilhante dos móveis. Eu deixava as janelas abertas e uma vez uma chuvarada inundou a suíte. Mas a empregada sempre endireitava tudo e a paciência do gerente do hotel era inextinguível. Festas que duravam até de madrugada não o ofendiam sèriamente. Só uma bomba de demolição, parecia-me, podia incomodar meus vizinhos.

Eu recebia minhas refeições no apartamento. Mas até isto também tinha seu quê de desencanto. No tempo que decorria entre o momento em que eu escolhia o jantar pelo telefone e o momento em que êle entrava em meu quarto num carrinho, como um cadáver transportado numa mesa de rodas de borracha, eu perdia todo interêsse por êle. Uma vez pedi um bife de filé e um *sundae* de chocolate, mas tudo estava disfarçado tão hàbilmente na mesa que confundi a cobertura de chocolate com o mólho da carne e a derramei sôbre o bife.

É claro que tudo isto era só o aspecto mais trivial de um deslocamento espiritual que começou a manifestar-se de formas muito mais perturbadoras. Logo notei que comecei a ficar indiferente às pessoas. Senti-me prêsas de uma onda de cinismo. As conversas que eu ouvia me pareciam tôdas gravadas há muitos anos e tocadas de nôvo num toca-discos. Parecia que a sinceridade e a bondade tinham desaparecido da voz dos meus amigos. Suspeitei que fôssem hipócritas. Parei de

telefonar-lhes, parei de vê-los. Não tinha mais paciência com o que me parecia ser os sintomas de uma adulação idiota.

Fiquei tão saturado de ouvir gente dizer "adorei sua peça!" que já nem podia mais agradecer. Eu me engasgava com aquelas palavras e virava as costas grosseiramente à pessoa geralmente sincera que as dissera. Já não sentia orgulho pela peça em si, ao contrário, comecei a enjoar dela, talvez porque me sentia demasiado morto por dentro para poder escrever outra. Eu caminhava como um zumbi, um morto conduzido pelos meus próprios pés. Sabia disso mas não contava então com amigos em quem confiasse o suficiente para levá-los para um canto e contar-lhes o que me estava acontecendo.

Esta situação estranha persistiu durante três meses, até quase fins da primavera, quando decidi submeter-me a outra operação na vista, principalmente devido ao pretexto que ela me oferecia de retirar-me do mundo detrás de uma máscara de gaze. Era já minha quarta operação na vista e talvez eu deva explicar que eu sofria há uns cinco anos de uma catarata no olho esquerdo que exigia uma série de operações torturantes e finalmente uma operação no músculo do olho (*ainda tenho esse olho, esclareço*).

Bem, a máscara de gaze teve sua serventia. Enquanto eu estava repousando no hospital, os amigos, que abandonara ou insultara de uma forma ou de outra, começaram a visitar-me e agora que eu jazia em meio à escuridão e às dores suas vozes pareciam ter mudado. Ou melhor: aquela mutação desagradável, que eu suspeitara antes, desaparecera no presente e elas soavam agora como sempre nos dias saudosos de minha obscuridade perdida. Novamente eu as reconhecia como sendo vozes sinceras e bondosas, animadas por um tom inconfundível de verdade e pela virtude da compreensão que me fizera buscá-las desde o início.

No tocante à minha visão física, essa última operação tinha tido resultados só relativamente bons (embora me tivesse

deixado com uma pupila aparentemente preta na posição devida ou quase) mas em outro sentido, figurado, da palavra, ela servira a um propósito muito mais profundo.

Quando foi retirada a máscara de gaze, encontrei-me readaptado ao mundo. Deixei o apartamento elegante do hotel de luxo, guardei na mala meus papéis e alguns pertences e parti para o México, um país telúrico em que se podem esquecer rapidamente as falsas dignidades e as vaidades impostas pelo sucesso, um país em que vagabundos inocentes como crianças enrolam-se para dormir nas calçadas e as vozes humanas, principalmente quando a linguagem em que falam não é familiar a nossos ouvidos, parecem-nos suaves como o gorjeio dos pássaros. Meu "eu" público, aquele artifício de espelhos sobrepostos, não existia aqui, e, portanto, eu voltava a meu "eu" natural.

Depois, como um ato final de restauração espiritual, permaneci durante algum tempo em Chapala, para trabalhar numa peça chamada *A Partida de Pôquer*, que se tornaria mais tarde *Um Bonde Chamado Desejo*. (NOTA: No Brasil, essa peça recebeu o título de *Uma Rua Chamada Pecado* quando desempenhada, mas manteve o título anterior na versão publicada.) É só no seu trabalho que um artista pode encontrar a realidade e a satisfação, pois o mundo ambiente, real, é menos intenso que o mundo de sua invenção e conseqüentemente sua vida, sem recorrer a desordens violentas, não lhe parece muito importante. A condição verdadeira de vida para um artista é aquela em que seu trabalho é não só conveniente mas também inevitável.

Para mim, um lugar conveniente para trabalhar é um lugar distante, em meio a estranhos, onde eu possa dar umas braçadas. Mas a vida deve exigir um mínimo de esforço de nossa parte. Você não deve ter gente demais a servi-lo, ao contrário: você devia fazer sozinho a maioria das coisas. O serviço oferecido pelos hotéis é embaraçoso. As empregadas,

os garçons, os boys e os porteiros etc. são as pessoas mais embaraçosas do mundo porque continuamente estão a recordarnos as iniquidades que nós aceitamos como coisas certas. O quadro de uma velhinha ofegante que carrega com enorme esforço um balde pesado d'água por um corredor de hotel para limpar a imundice de um hóspede bêbado e cheio de privilégios sociais é um quadro que me faz ficar doente e oprime meu coração, fazendo-o murchar de vergonha deste mundo, em que essa situação é não só tolerada mas considerada como a prova dos nove de que o mecanismo da Democracia está funcionando devidamente, sem interferência de cima ou de baixo. Ninguém deveria ter que limpar a imundice de outrem neste mundo. É intoleravelmente horrível para ambas as pessoas mas talvez pior ainda para quem recebe êsse tipo de serviço.

Fui tão corrompido quanto qualquer outra pessoa pelo número vastíssimo de serviços humilhantes que nossa sociedade se acostumou a esperar e do qual ela depende. Mas nós devíamos fazer tudo por nós mesmos ou deixar que as máquinas o fizessem por nós, a gloriosa tecnologia que garante ser o facho de luz do mundo futuro. Somos como um homem que comprou uma quantidade enorme de equipamento para acampar, que tem a canoa e a barraca, as linhas de pescar e o machado, os fuzis, os lençóis e os cobertores mas que agora, que todos os preparativos e providências estão empilhados, por mão de perito, uns sôbre os outros, sente-se de repente demasiado tímido para iniciar a jornada e fica-se onde estava ontem e antes de ontem e antes e antes, olhando com desconfiança, através das cortinas de renda branca, para o céu claro de que se suspeita. Nossa grandiosa tecnologia é uma oportunidade, que Deus nos enviou, para gozarmos da aventura e do progresso que temos medo de arriscar. Nossas idéias e nossos ideais continuam sendo exatamente os mesmos, no mesmo ponto em que os deixamos, três séculos atrás. Não,

desculpe! Já ninguém mais se sente seguro bastante para sequer afirmá-los!

Esta foi uma digressão longa, partida de um tema pequeno para um imenso, que eu não tinha intenção, originalmente, de fazer, por isso voltemos ao que eu estava dizendo antes.

O que venho afirmando é uma simplificação extrema. Ninguém escapa assim tão facilmente da sedução de uma maneira de viver sibarítica. Você não pode arbitrariamente dizer a si mesmo, de um momento para o outro: agora vou continuar minha vida como ela era antes de esta coisa, o Sucesso, me acontecer. Mas logo que você apreender a vacuidade de uma vida sem lutas, você estará equipado com os meios básicos de salvação. Logo que você souber que isto é verdade, que o coração do ser humano, seu corpo e seu cérebro são forjados numa fornalha de brasas vivas especificamente para o propósito do conflito, do choque (a luta criadora), e que, uma vez desaparecendo êsse conflito, o homem é uma mera espadinha de criança, boa para cortar margaridas, que não é a privação mas sim o luxo, o lobo mau, e que os dentes agudos do lobo são formados pelas vaidadezinhas e indolências pequeninas que constituem o legado do Sucesso — então, de posse desta certeza, você está pelo menos apto a saber onde reside o verdadeiro perigo.

Você sabe, então, que o "alguém" público que você é quando "tem um nome" é uma ficção criada por espelhos e que o único alguém digno de você ser é o seu "eu" solitário, não visto pelos demais, que existiu desde a sua primeira respiração e que é a soma de tôdas as suas ações e, portanto, está sempre num estado de eterno devenir, moldado pela sua própria vontade — sabendo essas coisas, você poderá sobreviver até à catástrofe do Sucesso!

Nunca é tarde demais, a menos que você abrace a deusa-cadela, a Fama, como William James a alcunhou, com os braços abertos e ache em seus abraços sufocantes exatamente aquilo

## A MARGEM DA VIDA

que o menininho inquieto dentro de você, com saudades de casa, queria: proteção absoluta e uma vida sem sacrifício e esforços de espécie alguma. A segurança é uma espécie de morte, creio, e pode atingi-lo numa enxurrada de cheques de direitos autorais, junto a uma piscina em forma de rim em Beverly Hills ou em qualquer outro lugar que esteja divorciado das condições que tornaram você um artista, se é isso que você é ou foi ou quis ser. Pergunte a qualquer pessoa que já passou pelo tipo de sucesso de que estou falando. Para que serve? Provavelmente para obter uma resposta honesta, você terá que dar-lhe uma injeção de sôro da verdade, mas a palavra que êle emitirá finalmente, com um gemido, não pode ser publicada em publicações refinadas.

Então o que nos serve, afinal? O interêsse obsessivo pelas vicissitudes humanas, além de uma certa dose de compaixão e de convicção moral, que pela primeira vez tornou a experiência de viver algo que deve ser traduzido em pigmento, música, movimentos corpóreos ou poesia ou prosa ou qualquer coisa dinâmica e expressiva... isso é que lhe será útil se é que você tem objetivos sérios. William Saroyan escreveu uma grande peça sôbre êsse tema, o de que a pureza de coração é o único sucesso que vale a pena têmos. "Durante sua vida — viva!" A vida é curta e não volta nunca mais. Ela está fluindo furtivamente agora, enquanto eu escrevo isto e enquanto você me lê e o pêndulo do relógio, ao oscilar, repete sômente: "Nunca-mais, nunca-mais, nunca-mais", a menos que você se lance, de coração em oposição a êle.

T. W.

## Notas Sôbre a Montagem

POR ser uma peça "evocada pela memória", *A Margem da Vida* pode ser apresentada com uma insólita liberdade de convenções. Devido ao material de que é feita, delicado ou tênue, "toques" ambientais e sutilezas de direção podem desempenhar um papel importante em sua montagem. O Expressionismo e tôdas as outras técnicas anticonvencionais empregadas no teatro têm como único propósito válido o de revelar a verdade sob um prisma que dela mais se aproxime. Sempre que uma peça utilizar técnicas teatrais que fogem à convenção, isto não significa, ou não deveria significar, que ela esteja com isso tentando subtrair-se à sua responsabilidade de lidar com a realidade ou de interpretar a experiência humana mas, ao contrário, ela estará realmente, ou deveria estar, buscando uma perspectiva mais próxima, uma expressão mais penetrante e mais vívida das coisas como elas são. A peça quadradamente realista, que coloca no palco refrigerado autênticos e autênticos cubinhos de gelo e cujos personagens falam exatamente como o público que os vê, corresponde ao paisagismo acadêmico e possui a mesma virtude da semelhança

meramente fotográfica. Hoje em dia, porém, tôdas as pessoas devem estar conscientes da insignificância do elemento puramente fotográfico, documental, na arte: conscientes de que a verdade, a vida ou a realidade são algo orgânico que a imaginação poética só pode representar ou sugerir, em sua essência, através da transformação, através da mutação em outras formas que não aquelas presentes só na aparência.

Estas observações não devem ser consideradas como um prefácio somente para esta peça em particular. Elas partem da concepção de um nôvo teatro, um teatro plástico, que deve substituir o teatro ultrapassado, das convenções realistas, se quisermos que o teatro readquira a vitalidade que constitui parte integrante de nossa cultura.

O RECURSO DA TELA

Há apenas uma diferença importante entre a versão original e a versão para ser representada desta peça: a omissão, nesta última, do recurso que eu, à guisa de experiência, incluí no meu *script* original. O recurso se resumia na utilização de uma tela sobre a qual se projetavam *slides* de lanterna mágica contendo títulos ou imagens. Não sinto falta deste recurso na atual produção de minha peça na Broadway. O extraordinário vigor expressivo da interpretação da Sr.<sup>ta</sup> Taylor induz por certo ao máximo de simplicidade na montagem puramente material do drama. Creio, no entanto, que poderia ter interesse para alguns leitores a revelação de como este recurso foi concebido. É por esse motivo que estou incluindo no manuscrito para publicação as indicações referentes ao emprego deste recurso. Estas imagens e legendas são projetadas de trás, sobre parte de uma parede entre a sala de visitas, dianteira, e a sala de jantar, na parte de trás do palco, uma parede que deveria permanecer fundida no resto do cenário sempre que não estivesse em uso para as projeções.

O objetivo de tudo isto será talvez aparente. É o de dar ênfase a certos valores em cada cena. Cada cena contém um aspecto especial (ou vários) que é, estruturalmente, o mais importante. Numa peça episódica, como esta, a estrutura básica ou a linha narrativa pode ser obscurecida ao público, daí podendo advir que o efeito total seja um tanto fragmentário em vez de arquitetônico. Isto poderá resultar não propriamente de um defeito da peça mas sim de uma falta de continuidade de atenção por parte da platéia. A legenda ou a imagem na tela reforçará o efeito de uma intenção meramente insinuada no manuscrito e permitirá que o aspecto primordial seja destacado com mais simplicidade e leveza do que no caso de a responsabilidade inteira recair só sobre o diálogo. Além deste valor estrutural, creio que a tela terá também um impacto claramente emocional, mais difícil de definir com palavras mas certamente tão importante quanto elas. Um produtor ou diretor dotado de imaginação poderá inventar muitos outros modos de emprego deste recurso além dos aqui indicados. De fato, parece-me que as possibilidades que este recurso encerra ultrapassam de muito as exemplificadas neste texto e que porventura venham a ser utilizadas eventualmente.

A MÚSICA

Outra ênfase não literária nesta peça é fornecida pela utilização do elemento musical. Uma única melodia usada repetidamente, *O Zoológico de Vidro*, servirá para dar destaque emocional a determinadas passagens. Esta melodia parece música de circo, como a que ouvimos não quando estamos imediatamente próximos ao espetáculo mas quando estamos a certa distância dele e, provavelmente, pensando em outra coisa. Nessas circunstâncias então essa melodia parece continuar quase interminavelmente, à medida que ondeia no interior de nosso consciente preocupado com outros assuntos;

## A MARGEM DA VIDA

ela é então a mais diáfana e a mais delicada música do mundo e talvez também a mais triste. Ela expressa a vivacidade superficial da vida com seu acorde abafado de melancolia imutável e inefável. Quando contemplamos um pedacinho de cristal delicadamente modelado, só pensamos em duas coisas: na sua beleza e na sua fragilidade. Estas duas idéias devem permear essa melodia constante, que adeja sôbre a peça como se levada por uma brisa inconstante. Ela serve de fio de conexão e de alusão entre o narrador (com sua localização própria no tempo e no espaço) e o enredo da sua história. Entre um episódio e outro, sempre, ela volta, como referência à emoção, à saudade, que é a condição básica desta peça. Sendo, essencialmente, o *leit-motiv* de Laura, esta música se ouve mais nitidamente sempre que a peça a focalizar e focalizar a mágica fragilidade do cristal que é a sua imagem.

## A ILUMINAÇÃO

A iluminação na peça não deve ser realista. Em consonância com a atmosfera criada pela memória, o palco está como que envolto em penumbra. Feixes de luz serão focalizados em áreas ou atôres preestabelecidos, às vezes em contradição com os que parecem constituir o centro de determinada cena: Por exemplo, na cena da briga entre Tom e Amanda, da qual Laura não participa ativamente, o mais claro foco de luz é o que iorra sôbre ela. O mesmo se dá com a cena do jantar, durante a qual sua figura silenciosa no sofá deve constituir o centro visual. A luz que cai sôbre Laura deve ser diferente das outras e possuir uma claridade prístina *sui generis* como a que se utilizava nas imagens religiosas antigas de santas ou de madonas. Poderia ser usada com eficiência, durante todo o decorrer da peça, uma certa correspondência de luz à que vemos nas pinturas religiosas, como as de El Greco, em que as figuras surgem radiosas em meio a ambientes relativamente

## TENNESSEE WILLIAMS

sombrios. (Isto permitirá também uma utilização mais eficiente da tela.) Um emprêgo livre e imaginativo da iluminação poderá ser de imensa valia para emprestar uma qualidade móvel e plástica a peças de natureza mais ou menos estática.

T. W.

## A MARGEM DA VIDA

A MARGEM DA VIDA foi montada pela primeira vez por Eddie Dowling e Louis J. Singer, o *Civic Theater*, de Chicago, no Estado de Ilinóis, em 26 de dezembro de 1944 e no *Playhouse Theatre*, de Nova York, em 31 de março de 1945, com o seguinte elenco:

A MÃE	Laurette Taylor
O FILHO	Eddie Dowling
A FILHA	Julie Haydon
O CAVALHEIRO DE VISITA	Anthony Ross

CENÁRIO E ILUMINAÇÃO de Jo Mielziner

MÚSICA ORIGINAL ESPECIALMENTE COMPOSTA por Paul Bowles

MONTADA por Eddie Dowling e Margo Jones

## Os Personagens

### AMANDA WINGFIELD (*a mãe*)

Uma mulherzinha de grande mas confusa vitalidade, que se apega freneticamente a épocas e lugares passados. Sua caracterização deve ser criada cuidadosamente e não copiada de um modelo típico. Embora ela não seja paranóica, sua vida é uma paranóia. Amanda merece nossa admiração em muitos pontos, mas em outros nos desperta amor, piedade e, com a mesma freqüência, o riso. Sem dúvida ela possui fibra e uma espécie de heroísmo e, apesar de sua tolice torná-la muitas vêzes inconscientemente cruel, sua figura franzina encerra muita ternura.

### LAURA WINGFIELD (*sua filha*)

Amanda, tendo fracassado ao tentar estabelecer contacto com a realidade, continua a viver, vitalmente, no mundo de suas ilusões, mas a situação de Laura é mais grave ainda. Uma enfermidade tornou-a aleijada desde a infância, com uma

## À MARGEM DA VIDA

perna ligeiramente mais curta do que a outra. Ela usa um aparelho. Este defeito físico deve ser sugerido sutilmente no palco: é o quanto basta. O isolamento de Laura, derivado destas circunstâncias, cresce até que ela se assemelha a uma peça de sua própria coleção de vidro, com uma fragilidade demasiado extrema e requintada, que a impede de abandonar a prateleira em que se colocou.

TOM WINGFIELD (*filho de Amanda*)

É também o narrador da peça. Um poeta que trabalha num empório. Sua índole não é inclemente, mas para fugir de uma cilada êle é forçado a agir sem piedade.

JIM O'CONNOR (*o cavalheiro de visita*)

Um rapaz simpático, comum.

### CENÁRIO

#### UM BECO EM SÃO LUIS

PRIMEIRA PARTE — Preparativos para a visita do cavalheiro  
SEGUNDA PARTE — A visita do cavalheiro

ÉPOCA: O Presente e o Passado

## Cena 1

O apartamento dos Wingfields é nos fundos do edificio, uma daquelas vastas conglomerações, semelhantes a colmeias, de unidades residenciais celulares que brotam como verrugas cancerosas nos centros urbanos superpovoados da classe média inferior e que são sintomáticas da tendência desta parte majoritária e fundamentalmente escravizada da sociedade americana a evitar a fluidez e a diferenciação, para existir e agir como uma massa heterogênea de automatismo.

O apartamento dá de frente para um beco e tem como entrada uma escada de incêndio, uma estrutura cujo nome lhe dá um toque de verdade poética accidental, pois todos êsses enormes edificios estão sempre ardendo nos incêndios lentos e implacáveis do desespero humano. A escada de incêndio está incluída no cenário — isto é: seu lance e os degraus que descem dêle.

O cenário é evocado pela memória e, portanto, não é realista. A memória toma muitas liberdades poéticas: omite alguns detalhes, exagera outros, de acôrdo com o valor emocional dos pontos que toca, já que a memória está localizada predominantemente

temente no coração. O interior, conseqüentemente, deve ser um tanto impreciso e poético.

Ao erguer-se a cortina, o público tem diante de si a parede dos fundos da moradia dos Wingfields, uma parede escura e soturna. Este edifício, disposto paralelamente às luzes da ribalta, está flanqueado em ambos os lados por becos escuros e estreitos que correm por dentro de canyons soturnos de varais de roupa emaranhados, latas de lixo e o sinistro rendilhado de ferro das escadas de incêndio vizinhas. É através destes becos laterais que tôdas as saídas e entradas se fazem durante a peça. Ao término do comentário inicial de TOM, a sombria parede do apartamento revela (por meio de um véu transparente) o interior do apartamento dos Wingfields, no andar térreo.

Na parte da frente do palco está a sala de visitas, que serve também de quarto onde LAURA dorme, num sofá-cama. Na parte de trás do palco, à direita, e dividido por um amplo arco ou segundo proscênio com reposteiros (ou uma segunda cortina) transparentes e desbotados, encontra-se a sala de jantar. Sobre uma estante aberta de todos os lados e de gôsto antiquado, na sala de visitas, podem-se ver animaizinhos de vidro, transparentes. Uma fotografia ampliada do pai está pendurada na parede, de frente para o público, à esquerda da arcada. Vê-se o rosto de um rapaz muito bem apessoado, que usa um boné do regimento de infantaria americana da Primeira Guerra Mundial. Ele sorri com garbo, sorri irresistivelmente, como se quisesse dizer: "Sorrirei eternamente."

O público ouve e vê a cena inicial na sala de jantar, seja através da quarta parede transparente do edifício seja através dos reposteiros transparentes de gaze do arco sobre a sala de jantar. É no decurso desta cena reveladora que a quarta parede sobe lentamente, desaparecendo. Esta parede transparente exterior só será baixada novamente bem no final da peça, durante a fala final de TOM.

O narrador é uma franca convenção da peça. Ele toma quaisquer liberdades com a convenção dramática que convenham às suas intenções.

TOM entra, vestido de marinheiro da Marinha Mercante, pelo beco, à esquerda do palco, e caminha sem pressa pelo proscênio do palco até à escada de incêndio, onde pára e acende um cigarro. Dirigindo-se ao público:

TOM

É verdade, sou cheio de truques e escondo surpresas nas mangas de meu paletó. Mas sou o contrário de um mágico de teatro. Ele lhes dá uma ilusão com aparência de verdade. Eu lhes dou a verdade sob o disfarce agradável da ilusão.

Para começar, posso fazer o tempo voltar atrás. Faço-o retroceder até àquela época estranha, a década dos trinta, em que a imensa classe média dos Estados Unidos estava se matriculando numa escola de cegos. Seus olhos tinham falhado ou eles não souberam utilizá-los e, como conseqüência, estavam agora premendo seus dedos violentamente contra o incandescente alfabeto Braille de uma economia em desagregação.

Na Espanha havia uma revolução. Aqui, só alarido e confusão.

Na Espanha houve Guernica. Aqui, perturbações sindicais, às vezes bastante violentas, em cidades usualmente pacíficas como Chicago, Cleveland, São Luís. . .

Este é o pano de fundo social da peça.

MÚSICA

A peça se compõe de memória.

Sendo uma peça de reminiscência, é iluminada fracamente, é sentimental, não realista.

A MARGEM DA VIDA

Na memória tudo parece suceder ao som de música. O que explica os violinos que se ouvem nos bastidores.

Sou o narrador da peça e um de seus personagens também.

Os outros são minha mãe, Amanda, minha irmã, Laura, e um cavalheiro de visita que aparece nas cenas finais.

Ele é o personagem mais realista da peça, como emissário de um mundo real do qual, de certa maneira, nos tínhamos desligado.

Mas já que tenho a fraqueza dos poetas por símbolos, estou usando este personagem também como um símbolo: ele é aquilo que tarda tanto a chegar e por que ansiamos sempre, é a nossa razão de viver.

Há um quinto personagem na peça que não aparece, a não ser na fotografia de tamanho maior que o natural sobre a prateleira da lareira.

É nosso pai, que nos deixou há muitos anos.

Era um empregado da Companhia Telefônica que se apaixonou pelos lugares distantes, largou seu emprego e, mais rápido que a luz, com uma velocidade fantástica sumiu da nossa cidade.

A última vez que recebemos notícias suas foi quando nos chegou um cartão-postal com uma vista de Mazatlan, na costa do Pacífico, no México, contendo só duas palavras: "Olá! — Adeus!", e sem endereço.

Creio que o resto da peça se explicará por si...

(A voz de AMANDA torna-se audível através dos reposteiros.)

LEGENDA NA TELA: "Où sont les neiges"

(TOM separa os reposteiros e entra na parte de trás do palco.)

(AMANDA e LAURA estão sentadas diante de uma mesa de armar tipo borboleta. Sem alimentos

TENNESSE WILLIAMS

nem utensílios, elas indicam somente por meio de gestos que estão comendo. AMANDA está de frente para o público, TOM e LAURA de perfil para o público.)

(O interior iluminou-se de uma luz suave, e através do tecido da cortina vemos AMANDA e LAURA sentadas à mesa na parte de trás do palco.)

AMANDA  
(Chamando)

Tom?

TOM

Que é, mamãe?

AMANDA

Não podemos dizer a oração de graças enquanto você não vier para a mesa!

TOM

Já vou, mamãe. (Ele inclina-se um pouco e retira-se, reaparecendo pouco depois em seu lugar usual à mesa.)

AMANDA  
(Para o filho)

Meu bem, não empurre a comida com os dedos. Se quiser empurrar com alguma coisa, o que deve usar é um pedacinho de pão. E mastigue, mastigue! Os animais têm partes especiais do estômago que lhes permitem digerir os alimentos sem mastigar, mas os seres humanos devem mastigar os alimentos antes de engoli-los. Coma com vagar, meu filho, e saboreie bem tudo. Uma refeição bem preparada tem muitos sabores delicados que têm que ser retidos na boca para serem

*A MARGEM DA VIDA*

devidamente apreciados. Portanto, mastigue bem e dê oportunidade às suas glândulas salivares de funcionar!

(TOM depõe de propósito o garfo imaginário e afasta sua cadeira para longe da mesa.)

TOM

Não pude saborear nem uma garfada dêste jantar por causa das suas constantes regras de bem comer. É você que me faz apressar as refeições com seus olhos de lince acompanhando cada bocado que ponho na boca. É asquerosa — estraga meu apetite — tôda essa discussão de — secreções animais — glândulas salivares, mastigação!

AMANDA

(Com alegria despreocupada)

Temperamental como uma prima-dona do Metropolitan!  
(Ele se levanta e passa para a parte dianteira do palco.)  
Ninguém lhe deu licença para se retirar da mesa!

TOM

Vim pegar um cigarro.

AMANDA

Você fuma demais.

(LAURA levanta-se.)

LAURA

Vou trazer o manjar.

*TENNESSEE WILLIAMS*

(TOM permanece de pé junto aos reposteiros, fumando, durante o diálogo seguinte.)

AMANDA

(Levantando-se)

Não, senhora, não senhora — você será a sinhá desta vez e eu servirei de mucama.

LAURA

Mas já estou em pé!

AMANDA

Sente-se, filhinha — quero que você fique sempre viçosa e bonita para os cavalheiros que virão nos visitar!

LAURA

Não estou esperando a visita de nenhum cavalheiro.

AMANDA

(Dirigindo-se à kitchenette, com brejeirice)

As vezes, eles vêm quando menos se espera! Ora, eu me lembro tão bem de um domingo à tarde em Blue Mountain (entra na kitchenette).

TOM

Já sei o que nos espera.

À MARGEM DA VIDA

LAURA

Eu também, mas deixe-a contar.

TOM

De nóvo?

LAURA

Ela adora!

(AMANDA volta com a tigela de sobremesa.)

AMANDA

Numa tarde de domingo, em Blue Mountain — sua mãe recebeu... *dezessete* visitas de admiradores! Imaginem que às vêzes não tínhamos nem cadeiras para acomodá-los todos! Tínhamos que mandar o negrinho buscar cadeiras de armar na casa do pároco.

TOM

(*Ainda junto aos reposteiros*)

O que você fazia para entreter êsses admiradores?

AMANDA

Eu era mestra na arte da conversação!

TOM

Ah, aposto que *falar* você sabia!

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

As môças do meu tempo *sabiam* falar, pode ficar certo.

TOM

Ah, é?

IMAGEM: *Amanda quando mocinha, no alpendre saudando os visitantes*

AMANDA

Elas sabiam entreter os cavalheiros de visita. No meu tempo, não bastava que a môça tivesse um rosto bonito e um corpo gracioso — se bem que eu não ficasse devendo a ninguém nessas qualidades. Era preciso que ela tivesse também espírito, compreensão rápida e uma resposta para tudo.

TOM

Sôbre que vocês falavam?

AMANDA

Das coisas importantes que se passavam no mundo! Nunca de nada grosseiro, ordinário ou vulgar. (*Dirige-se a TOM como se êle estivesse sentado na cadeira vazia junto à mesa, embora êle permaneça perto dos reposteiros. Êle desempenha esta cena como se a lesse num livro.*) Meus visitantes eram *gentlemen* — todos! Entre êles havia alguns dos mais eminentes plantadores do Delta do Mississípi — fazendeiros e filhos de fazendeiros!

(TOM pede, com um gesto, música e indica que um spotlight deve focalizar AMANDA.)

(Seus olhos brilham, seu rosto se anima, sua voz torna-se cheia, suave e elegiaca.)

LEGENDA PROJETADA: "Où sont les neiges"

Um dêles era o jovem Champ Laughlin que mais tarde se tornou vice-presidente do Banco dos Fazendeiros do Delta.

Hadley Stevenson, que se afogou no Lago Moon e deixou de herança para sua viúva cento e cinqüenta mil dólares em títulos do Govêrno.

Havia ainda os irmãos Cutrere, Wesley e Bates. Bates era um dos meus mais brilhantes e assíduos cortejadores. Meteu-se numa briga com aquêle rapaz desenfreado, o Wainwright. Duelaram a bala no Cassino do Lago Moon. Bates foi baleado no estômago. Morreu na ambulância a caminho de Memphis. Sua viúva também ficou bem provida, herdou oito ou dez mil acres, e olhe lá. Êle se casou com ela por desilusão amorosa — nunca ligou para ela! — e estava com minha fotografia no bôlso até na noite em que morreu!

E havia também aquêle môço que era o xodó de tôdas as môças do Delta! Aquêle belo, inteligentíssimo, jovem Fitzhugh, do Condado de Greene!

TOM

O que êle deixou para a viúva dêle?

AMANDA

Êle nunca se casou! Meu Deus, você fala como se todos os meus velhos admiradores tivessem batido a bota, um a um!

TOM

Êste não é o primeiro que você menciona que sobreviveu até hoje?

AMANDA

Aquêle rapaz, Fitzhugh, foi para o Norte e fêz uma fortuna — chegou a ser conhecido como o nababo de Wall Street! Parecia o Rei Midas, tudo que êle tocava se transformava em ouro!

E eu podia ter-me tornado a Sra. Duncan J. Fitzhugh, fique sabendo! Mas não, fui escolher logo *seu pai!*

LAURA

(Levantando-se)

Mamãe, deixe que eu tiro a mesa.

AMANDA

Nada disso, meu bem, você vai para a sala estudar o quadro do teclado para datilografia. Ou praticar um pouco de taquigrafia. Conserve-se sempre fresca e bonita! Já é quase tempo de os nossos cavalheiros começarem a chegar para as visitas. (Ela se requebra com a coquetterie de uma mocinha, e se dirige à kitchenette.) Quantos você calcula nós vamos receber esta tarde?

(TOM joga o jornal e levanta-se de um pulo, com um gemido de lamento.)

LAURA

(Sôzinha na sala de jantar)

Acho que não vamos receber nenhum, mamãe.

## A MARGEM DA VIDA

AMANDA

(Reaparecendo, vivamente)

Como? Ninguém — nem um? Você deve estar brincando!  
(LAURA nervosamente ecoa seu riso. De maneira furtiva ela escapa pelos reposteiros semi-abertos e os fecha detrás de si, delicadamente. Um foco de luz muito clara jorra sôbre seu rosto, contornado pelo estampado desbotado das cortinas. MÚSICA: O Zoológico de Vidro em surdina. Levemente.)  
Nem um admirador? Não pode ser! Deve haver uma enxurrada, um tufão dêles!

LAURA

Nem enxurrada nem tufão, mamãe. A verdade é que eu não sou tão atraente quanto você era em Blue Mountain...  
(TOM emite novo gemido. LAURA olha para êle com um leve sorriso de desculpa. Sua voz está um pouco embargada.)  
Mamãe tem mêdo que eu fique solteirona.

A cena é obscurecida gradualmente ao som da música de O Zoológico de Vidro.

## Cena 2

LEGENDA NA TELA: "Laura, você nunca amou nenhum rapaz?"

No palco escurecido a tela se ilumina com a imagem de rosas azuis.

Gradualmente, a figura de LAURA surge e a tela é apagada.

A música decresce.

LAURA está sentada na delicada cadeira de marfim junto da mesinha de pés em forma de garras.

Ela traja um vestido de fazenda suave, violeta, usada para quimono — os cabelos estão atados atrás, com uma fita na testa.

Ela está lavando sua coleção de animais de vidro.

AMANDA aparece nos degraus da escada de incêndio. Ao ouvir seus passos, LAURA toma fôlego, põe de lado a terrina com os ornamentos dentro e se senta rigidamente diante

do diagrama do tablado da máquina de escrever como se êle a fascinasse.

Algo sucedeu a AMANDA, que deixou marcas visíveis em seu rosto agora que ela sobe os degraus até o lance: tem uma expressão que é ao mesmo tempo sombria e esperançosa e um pouco absurda.

Usa um daqueles casacos baratos, de pano imitando veludo e com uma imitação de pele em tórno do pescoço. O chapéu que usa tem cinco ou seis anos de idade, um daqueles horríveis cloches que eram a moda nos fins da década dos vinte. Ela está segurando uma enorme hólisa preta de verniz com fechos de monogramas em níquel. Este é o traje de gala que ela usa geralmente para ir às reuniões das Filhas da Revolução Americana.

Antes de entrar, ela espia pela porta.

Aperta os lábios, abre bem os olhos, vira-os para cima e mexe com a cabeça.

Só então entra lentamente pela porta. Ao ver a expressão de sua mãe, LAURA toca os lábios com um gesto nervoso.

LAURA

Aloô, mamãe, eu estava... (Com um gesto nervoso, indica o diagrama na parede. AMANDA se encosta à porta fechada e olha para LAURA com a expressão de uma mártir.)

AMANDA

Desengano? Desengano? (Lentamente tira o chapéu e as luvas, continuando a encarar a filha com o mesmo olhar fixo, terno e sofredor. Deixa cair as luvas e o chapéu no chão — com um pouco de dramaticidade teatral.)

LAURA  
(Trêmula)

Que tal foi a reunião das Filhas da Revolução Americana? (AMANDA lentamente abre a bôlsa e dela retira um mimoso lenquinho branco que delicadamente bate no ar e delicadamente encosta sôbre os lábios e as narinas.) Você não foi à reunião da F. R. A., mamãe?

AMANDA  
(Dêbilmente, de maneira quase inaudível)

Não, não fui. (Depois, com mais decisão.) Não tive fôrças... para ir à F. R. A. Para dizer a verdade, não tive coragem! Queria achar um buraco no chão e me esconder para o resto da vida! (Cruza lentamente em direção à parede e retira o diagrama do teclado da máquina de escrever. Segura-o um momento diante de si, contemplando-o com doçura e tristeza — depois morde os lábios e o rasga em dois pedaços.)

LAURA  
(Com voz fraca)

Por que você fêz isso, mamãe? (AMANDA repete o mesmo processo com o diagrama do alfabeto Gregg de estenografia.) Por que você está?...

AMANDA

Por quê? Por quê? Quantos anos você tem, Laura?

LAURA

Mamãe, você sabe minha idade...

A MARGEM DA VIDA

AMANDA

Pensei que você fosse adulta, mas parece que me enganei. *(Cruza lentamente em direção ao sofá e afunda nêle, olhando fixamente para LAURA.)*

LAURA

Por favor não me encare assim, mamãe.

*(AMANDA fecha os olhos e baixa a cabeça. Pausa de dez segundos.)*

AMANDA

O que vamos fazer agora, o que vai ser de nós, que futuro nos aguarda?

*(Pausa de dez segundos.)*

LAURA

Aconteceu alguma coisa, mamãe? *(AMANDA respira fundo e tira o leucinho da bolsa de nôvo. Repete a delicada operação anterior.)* Mamãe, aconteceu... alguma coisa?

AMANDA

Vou me recuperar em um minuto, estou só atordoada *(pausa de 5 segundos)* pela vida...

LAURA

Mamãe, por favor me diga o que foi que aconteceu!

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Como você sabe, esta tarde eu ia ser empossada no meu pôsto nas Filhas da Revolução Americana. *(IMAGEM: um e exame de máquinas de escrever.)* Mas dei um pulo à Escola Comercial Rubicam para avisar seus professores de que você estava resfriada e perguntar se eles achavam que você estava progredindo no curso.

LAURA

Ah!...

AMANDA

Fui falar com a professora de datilografia e me apresentei como sua mãe. Ela nem sabia quem você era. Wingfield, ela repetiu. Não temos nenhuma aluna com esse nome matriculada aqui!

Assegurei que sim, que você estava freqüentando as aulas desde princípios de janeiro.

"Será", ela disse, "será que a senhora está falando de uma mocinha tremendamente tímida, que deixou o curso depois de freqüentar só uns dias?"

"Não", eu respondi, "Laura, minha filha, tem ido à escola todos os dias durante as últimas seis semanas!"

"Desculpe-me um momento", ela disse. Consultou o livro de freqüência e lá estava seu nome, impresso, fora de qualquer dúvida, com tôdas as datas em que você estivera ausente até que decidiram que você tinha abandonado o curso.

Eu insisti: "Mas deve haver algum engano! Deve ter havido alguma confusão na lista de presença!"

E ela disse: "Não, agora eu me lembro perfeitamente dela. Suas mãos tremiam tanto que nem podia bater nas teclas certas! A primeira vez que fizemos uma prova de velocidade ela ficou nervosíssima! — sentiu-se enjoada do estômago e

À MARGEM DA VIDA

quase que teve que ser carregada para o banheiro! Depois daquela manhã ela nunca mais apareceu. Telefonamos para a casa dela mas nunca atenderam o telefone — enquanto eu estava trabalhando na loja Famous and Barr, presumo, demonstrando aqueles — oh!”

Eu me senti tão fraca que mal podia me manter de pé!  
Tive que me sentar enquanto me traziam um copo d’água!

A matrícula de cinqüenta dólares, todos os nossos planos — minhas ambições e esperanças para o seu futuro — tudo fôra água abaixo, água abaixo, sem mais nem menos.

(LAURA respira fundo e levanta-se desajeitadamente. Cruza em direção à vitrola e lhe dá corda.)

AMANDA

O que você está fazendo?

LAURA

Oh! (Larga a manivela e volta a sentar-se.)

AMANDA

Laura, onde você esteve todo esse tempo que fingia sair de casa para freqüentar a Escola de Comércio?

LAURA

Saía só para passear.

AMANDA

Não é verdade.

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

É sim, só andava pelas ruas.

AMANDA

Andava? Andava? Em pleno inverno? Convidando uma pneumonia assim de propósito com aquele casaquinho leve? Onde você passeava, Laura?

LAURA

Em todos os lugares — a maioria das vezes no parque.

AMANDA

Até depois que você pegou aquele resfriado?

LAURA

Era o menor dos dois males, mamãe. (IMAGEM: uma cena de inverno no parque.) Não podia voltar à Escola. Eu vomitei... no chão!

AMANDA

Você quer me dizer que das sete e meia até as cinco, todos os dias, você passeava pelo parque, porque queria me fazer crer que ainda estava indo à Escola Comercial Rubicam?

LAURA

Não é tão horrível quanto a senhora imagina. Eu entrava em alguns lugares para me esquentar.

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Entrava onde?

LAURA

Ía ao museu, ía ver as casas dos pássaros no Jardim Zoológico. Visitava os pingüins todos os dias! Às vêzes, passava sem almoçar e ía ao cinema. Ultimamente tenho passado a maioria das tardes na Caixa de Jóias, aquela estufa de vidro enorme onde conservam as flôres tropicais.

AMANDA

E você fêz tudo isso só para me enganar, só para me iludir?  
(*Laura baixa os olhos.*) Por quê?

LAURA

Mamãe, quando você se sente desapontada, fica logo com aquela expressão de sofrimento, como a pintura da mãe de Jesus no museu!

AMANDA

Cale a bôca!

LAURA

Eu não tinha coragem!  
(*Pausa. O murmúrio de instrumentos de corda.*)

LEGENDA: "As migalhas da humilhação"

AMANDA

(*Mexendo, nervosamente, na bolsa descomunal*)

*TENNESSEE WILLIAMS*

E agora o que vamos fazer o resto das nossas vidas? Ficar em casa vendo as paradas passarem? Divertir-nos com o zoológico de vidro, querida? Tocar eternamente êsses discos de vitrola batidíssimos que seu pai deixou como dolorosa recordação de sua passagem?

Não vamos fazer carreira no comércio — disso já desistimos, porque nos dava indigestão de fundo nervoso! (*Ri com cansaço.*) Que nos resta para a vida inteira senão depender dos outros? Eu sei tão bem o que acontece às mulheres solteironas que não estão preparadas para trabalhar fora! Tenho visto casos tão comoventes no Sul — solteironas toleradas com-esfôrço, vivendo da tolerância mal-humorada do cunhado ou da cunhada! — jogadas num quartinho do tamanho de uma rateeira, aconselhadas por um e outro parente a visitar outros parentes, mulherzinhas frágeis, como pássaros sem ninho — comendo as migalhas da humilhação a vida inteira!

É êsse o futuro que delineamos para nós?  
Juro que é a única alternativa que me ocorre!  
Não é muito agradável como alternativa, não acha?  
Bom, é verdade que algumas môças conseguem *se casar*.

(*LAURA torce os dedos nervosamente.*)

Você nunca sentiu nada por nenhum rapaz?

LAURA

Senti. Gostei de um, há tempos. (*Levanta-se.*) Vi sua fotografia não faz muito.

AMANDA

(*Com um pouco de interêsse*)

Ele lhe deu a fotografia?

*À MARGEM DA VIDA*

LAURA

Não, estava no álbum do colégio.

AMANDA

(Desapontada)

Oh — um colega de ginásio.

IMAGEM NA TELA: *Jim surge como herói do ginásio, carregando uma Taça de Prata*

LAURA

Exato. Ele se chamava Jim (LAURA ergue o álbum pesado da mesa de pés de gato.) Olhe: aqui está, representando em *Os Piratas de Penzance*.

AMANDA  
(Distraída)

Em quê?

LAURA

Na opereta que os que se formaram montaram. Ele tinha uma voz maravilhosa e nós nos sentávamos na mesma fila, separados pela nave, 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup>, no auditório. Olhe, é ele com esta taça de prata que ganhou nos debates! Está vendo este que está sorrindo?

AMANDA  
(Distraída)

Ele deve ter tido uma disposição e tanto.

*TENNESSEE WILLIAMS*

LAURA

Costumava chamar-me rosas azuis.

IMAGEM: *Rosas azuis*

AMANDA

Por que ele a chamava com esse nome esquisito?

LAURA

Quando eu tive aquele ataque de pleurisia — ele me perguntou o que eu tinha tido quando voltei. Eu disse que tinha estado nas Rochosas Azuis e ele entendeu "rosas azuis". E foi assim que passou a me chamar daí por diante. Sempre que me encontrava, gritava: "Alô, rosas azuis!" Eu tinha antipatia pela garôta que ele namorava. Emily Misenbach — Emily era a garôta mais bem vestida do Colégio. Mas, não sei por quê, ela nunca me pareceu sincera... Na parte de dados pessoais do álbum está escrito que eles estão noivos. Isso foi... há seis anos! Já devem estar casados.

AMANDA

Geralmente as môças que não dão para carreiras no comércio acabam casando com um homem ~~em~~ em. (Levantando-se com ânimo nôvo.) Irmã, e é isso que você vai fazer!

(LAURA ri com um misto de dúvida e de espanto. Automaticamente estende a mão para tocar um dos bichinhos de vidro)

LAURA

Mas, mamãe...

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

O que é? (*Cruza em direção à fotografia.*)

LAURA

(*Com tom de desculpar-se, assustada*)

Eu sou... aleijada!

IMAGEM: A tela

AMANDA

Bobagem! Laura, eu já lhe disse para nunca, mas nunca, usar essa palavra. Ora, você não é nada aleijada, só tem um defeitinho à-toa, que quase nem se nota! Quando alguém tem uma desvantagenzinha como essa, procura cultivar outras qualidades para compensar — desenvolver o encanto pessoal... a vivacidade... o charme! É só o que falta você fazer! (*Virando-se novamente para a fotografia.*) Está aí uma coisa que seu pai tinha para dar e vender — charme!

(TOM faz um gesto para os violinos nos bastidores.)

*A cena se obscurece ao som da música*

Cena 3

LEGENDA NA TELA: "*Depois do Fiasco...*"  
TOM fala situado no lance da escada de incêndio

TOM

Depois do fiasco na Escola Comercial Rubicam, a idéia de arranjar um cavalheiro que fizesse a côrte a Laura começou a desempenhar um papel cada vez mais importante nos cálculos de mamãe.

Tornou-se uma obsessão. Como um arquétipo qualquer do inconsciente universal, a imagem do admirador em...ta assombrava, como uma aparição, o nosso pequeno apartamento...

IMAGEM: *Um jovem, trazendo flôres, bate à porta*

Era rara a noite que passávamos em casa sem que se fizesse uma alusão a essa imagem, a êsse espectro; a essa esperança...

Mesmo quando não mencionado, sua presença pairava na expressão de preocupação de mamãe e na maneira assustada de minha irmã, que parecia pedir desculpas de alguma coisa. . . sua presença pairava como uma condenação decretada contra os Wingfields!

Mamãe era uma mulher de ação, que não se limitava a falar.

Começou então a tomar providências lógicas para atingir seu objetivo.

No final daquele inverno e no início da primavera — compreendendo que precisaria de mais dinheiro para enfeitar o ninho e adornar com belas plumagens o pássaro — levou a cabo uma vigorosa campanha pelo telefone, catando a laço assinaturas de uma daquelas revistas para matronas chamada "A Companheira das Donas de Casa", o tipo de publicação que se especializa em sublimações em séries de damas literatas que descrevem seios delicados, com a forma de taças artísticas, cinturas finas e corpos em suaves espirais, coxas bem torneadas e leitosas, olhos como fumaça baça de fogos outonais, dedos que confortam e acariciam como passagens musicais, corpos vigorosos como estátuas etruscas.

IMAGEM NA TELA: *A capa do magazine sofisticado*

(AMANDA entra com o telefone prêso a um longo fio de extensão. A luz cai sobre ela em meio ao palco obscurecido.)

AMANDA

Alô, é Ida Scott? Aqui quem está falando é a Amanda Wingfield!

Sentimos muito sua falta na reunião da F.R.A. segunda-feira!

Pensei comigo mesma! Vai ver que ela está sofrendo daquela sinusite horrível. Foi isso, não foi?

Que horror! Deus misericordioso! — Você é uma mártir cristã, é o que você é, sabe? Uma mártir cristã!

Pois é, agora mesmo eu reparei que sua assinatura da "Companheira" está para terminar. É sim, termina no próximo número, meu bem! — logo agora que aquela novela em série formidável de Bessie Mae Hopper começou a ficar tão emocionante! Oh, meu bem, é uma coisa que você não pode perder! Lembra-se como *E o Vento Levou*. . . causou sensação em todo o mundo? Era impossível sair de casa sem ter lido até a última linha. Todo mundo só falava de Scarlett O'Hara. Pois é, essa novela de agora já é comparada pelos críticos a *E o Vento Levou*. . . Dizem que é *E o Vento Levou*. . . da geração de depois da Guerra Mundial! O quê? Está queimando? Oh, meu bem, não deixe queimar, vá dar uma espiada no fogão que fico esperando! Meu Deus — acho que ela desligou!

DESAPARECE A LUZ

LEGENDA NA TELA: *"Você pensa que eu estou apaixonado pelos calçados Continental?"*

(Antes de o palco ser iluminado, ouvem-se as alterações violentas entre TOM e AMANDA.)

(Estão discutindo detrás dos reposteiros. Diante deles está LAURA com as mãos firmemente entrelaçadas e uma expressão de pânico no rosto.)

(Um foco de luz diáfana banha sua figura durante toda esta cena.)

TOM

Pelo amor de Deus, o que você quer. . .

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

*(Com voz estridente)*

Já lhe disse para não usar...

TOM

Que eu faça?

AMANDA

Essa expressão! Não na minha...

TOM

Ohhh!

AMANDA

Presença! Será que você ficou louco de repente?

TOM

Fiquei sim, *me puseram* louco furioso!

AMANDA

O que é que você tem, seu... grande IDIOTA!?

TOM

Olhe: eu não tenho nada, nada, está ouvindo?

AMANDA

Fale mais baixo!

58

*TENNESSEE WILLIAMS*

TOM

Nada na minha vida aqui que eu possa chamar de meu! Tudo é tão...

AMANDA

Pare com êsses gritos!

TOM

Ontem você confiscou os meus livros! Teve o desprante de...

AMANDA

Sim, senhor: levei de volta aquela novela horrível para a biblioteca. Aquê! livro repugnante daquele maluco do Sr. Lawrence (*TOM ri selvagememente*). Não posso controlar a produção de mentes doentias ou pessoas que se rebaixam a satisfazê-las (*TOM ri ainda mais selvagememente*), *mas não permitirei que essa imundície entre em minha casa!* Não e não, e não e não!

TOM

Casa, casa! Quem é que paga o aluguel, quem é que trabalha feito um escravo para...

AMANDA

*(Já aos berros)*

Não se atreva a...

TOM

Ah, não, não devo dizer nada! Tenho é que ficar...

59

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

Vou lhe dizer uma coisa. . .

TOM

Não quero ouvir mais nada! *(Ele abre os reposteiros com violência. A área superior é iluminada com um brilho vermelho, fumacento e inflado.)*

*(AMANDA está com ferros de ondular no cabelo e usa um roupão de banho velho, grande demais para a sua figura franzina, uma relíquia do infiel Sr. Wingfield.)*

*(Uma máquina de escrever de escritório e uma desordem completa de manuscritos sobre a mesinha de armar. A briga foi provavelmente precipitada pela interrupção, de AMANDA, dos esforços literários de TOM. Uma cadeira está caída ao solo, de cabeça para baixo.)*

*(As sombras gesticulantes de ambos projetam-se no teto à luz do brilho incandescente.)*

AMANDA

Você vai me ouvir até o fim. . .

TOM

Não vou ouvir mais nada, vou é sair!

AMANDA

Volte já para. . .

60

TENNESSEE WILLIAMS

TOM

Vou para fora, fora, fora! Porque eu. . .

AMANDA

Volte para cá nesse segundo, Tom Wingfield! Ainda não acabei de falar com você!

TOM

Ora, vá. . .

LAURA

*(Com desespêro)*

Tom!

AMANDA

Você vai me ouvir e não tolero mais insolência de sua parte! Não tenho mais paciência!

*(Ele volta, em direção a ela.)*

TOM

E você pensa que eu estou *como*? Será que minha paciência não se acaba um dia amanhã? Já sei, já sei. Parece sem importância para você que entre o que eu estou fazendo e o que eu quero fazer há *uma pequena diferença*! Você não acha que. . .

AMANDA

Acho que você vem fazendo coisas de que se envergonha. É por isso que se comporta *dêsse jeito*. Não acredito que você vá ao cinema *tôdas as noites*. Ninguém vai ao cinema

61

À MARGEM DA VIDA

uma noite depois da outra. Ninguém que esteja são de mente vai ao cinema com a frequência que você finge ir. As pessoas não costumam ir ao cinema quase à meia-noite nem os cinemas terminam às duas da manhã. Chega a casa tropeçando, balbuciando sozinho como um louco! Você dorme só três horas e depois pega no trabalho. Ora, parece que estou vendo em que estado você fica lá no trabalho. Sem ânimo, batendo com a cabeça pelos cantos porque não está em condições.

TOM  
(Com fúria selvagem)

Pois é, não estou em condições!

AMANDA

Que direito você tem de prejudicar seu emprego? Pôr em perigo a segurança de todos nós? Como você imagina que nós sobreviveríamos se...

TOM

Escute aqui: você pensa que eu sou louco pelo depósito? (Ele se curva ferozmente diante da figura frágil da mãe.) Você pensa por acaso que estou apaixonado pela Manufatura de Calçados Continental? Pensa que vou querer passar cinquenta e cinco anos inteiros naquele interior de celotex com tubos de luz fluorescente!? Olhe: eu preferia mil vezes que alguém pegasse um pedaço de ferro e me esmigalhasse os miolos a voltar para lá todas as manhãs! Mas eu vou! Cada vez que você entra no meu quarto berrando aquele desgraçado "Levante e brilhe com a luz divina!", digo comigo mesmo: "Que sorte a das pessoas mortas!" Mas me levanto assim mesmo. E vou para o trabalho! Por sessenta e

TENNESSEE WILLIAMS

cinco dólares por mês eu abandono tudo que jamais sonhei fazer ou ser! E você diz que só penso em mim! Ora, escute, mamãe: se eu só pensasse em mim, estaria onde ele está — sumido! (Apontando para a fotografia do pai.) Até aonde me levassem os meios de transporte do globo! (Ele passa por ela e ela o agarra pelo braço.) Não me segure, mamãe!

AMANDA

Aonde é que você vai?

TOM

Vou ao cinema!

AMANDA

Não acredito nessa mentira!

TOM

(Curvando-se sobre ela, sobrepujando sua figura diminuta. Ela se afasta, ofegante.)

Vou para os antros do ópio! Isso mesmo, antros do ópio e do vício, esconderijos de criminosos, mamãe. Entrei para a quadrilha do Hogan, sou um assassino profissional, carrego minha metralhadora numa caixa de violino! Sou dono de uma porção de bordéis do vale! Meu apelido é o Matador, o Matador Wingfield, levo uma vida dupla, um trabalhador simples e honesto numa loja durante o dia e de noite um czar dinâmico do bas-fond!, mamãe! Freqüento cassinos de jogatina, perco fortunas e fortunas no girar da roleta! Uso uma venda no olho e um bigodinho falso, às vezes uso até barbas verdes. Nessas ocasiões me alcunham *El Diablo!* Eu podia contar-lhe coisas que fariam você perder o sono de vez! Meus inimigos plane-

*A MARGEM DA VIDA*

jam dinamitar este lugar. Vai ser uma tal explosão que nossos corpos subirão até às estrêlas! Ficarei feliz, muito contente e você também! Você vai subir, subir numa vassoura em cima de Blue Mountain, seguida por dezessete cortejadores! Sua bruxa horrorosa e faladeira... (Ele faz uma série de movimentos violentos e desajeitados, agarrando o próprio sobretudo, arrancando rumo à porta e abrindo-a violentamente. As mulheres o observam, aterrorizadas. Seu braço fica preso dentro da manga do sobretudo enquanto ele peleja para vesti-lo. Durante um momento ele está agrilhado pelo traje volumoso. Com um murmúrio de ódio, ele tira o casaco de nóvo, com força, arrebatando o ombro do mesmo e atirando-o longe. O cayote bate contra a estante da coleção de vidro de LAURA, ouve-se o barulho de vidro despedaçando-se. LAURA grita como se tivesse sido ferida.)

MÚSICA. LEGENDA: O Zoológico de Vidro

LAURA

(Com voz estridente)

Meu zoológico de vidro! (Cobre o rosto e vira-se de costas.)

(Mas AMANDA ainda está paralisada e estupefata pelo epíteto de "bruxa horrorosa", de modo que quase não nota este incidente. Só agora é que recupera a fala.)

AMANDA

(Com uma voz terrível)

Não voltarei a falar com você — até que você peça desculpas! (Ela atravessa pelos reposteiros e os fecha detrás de

*TENNESSEE WILLIAMS*

si. TOM fica só com LAURA. LAURA agarra-se debilmente à prateleira sobre a lareira, com o rosto virado. TOM olha para ela de modo fixo e estúpido durante um momento. Depois caminha até à estante. Ajoelha-se desajeitadamente para juntar os cacos de vidro, olhando para LAURA como se quisesse falar e não pudesse.)

A música de O Zoológico de Vidro se insinua até que

A CENA SE OBSCURECE

## Cena 4

*O interior está escuro. Uma luz tênue no beco.*

*Um sino de som profundo numa igreja está soando cinco horas quando a cena começa.*

*TOM aparece na parte superior do beco. Depois de cada badalada solene do sino na torre, ele agita um chocalho ou outro instrumento barulhento para simbolizar o espasmo insignificante do homem, em contraste com a força e a dignidade do Todo-Poderoso. Isto e seus passos inseguros tornam evidente que ele esteve bebendo.*

*Quando ele sobe os poucos degraus que conduzem ao patamar da escada de incêndio, uma luz se acende no interior da casa. LAURA surge de camisola, observando a cama vazia de TOM no quarto da frente.*

*TOM procura nos bolsos a chave da porta, mostrando um sortimento variado de artigos durante sua busca, inclusive uma chuva de pedaços de entradas de cinema e uma garrafa vazia. Finalmente encontra a chave, mas quando está para inseri-la na fechadura, ela escapa de seus dedos. TOM acende um fósforo e se agacha diante da porta.*

À MARGEM DA VIDA

TOM  
(Amargamente)

Uma fresta pequena — e foi cair logo lá dentro!

(LAURA abre a porta.)

LAURA

Tom! Tom, o que é que você está fazendo aí?

TOM

Procurando a chave de casa.

LAURA

Onde você esteve esse tempo todo?

TOM

Fui ao cinema.

LAURA

Estêve esse tempo todo no cinema?

TOM

Era um programa muito longo. Levaram uma fita da Greta Garbo, um desenho do Camundongo Mickey, depois um documentário de viagens, um filme de atualidades e trailers das próximas atrações. Tinha também um solo de órgão e uma coleta para o Leite dos Pobres — ao mesmo tempo — que terminou numa briga horrível entre uma mulher gorda e uma indicadora de lugares!

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA  
(Inocentemente)

Você teve que ficar até o fim?

TOM

Mas é claro! E, ah, eu ia me esquecendo! Tiveram também um *show* espetacular! A figura principal era um tal de Malvolio, o mágico. Ele fazia truques formidáveis, muitos, como fazer a água voltar para dentro das jarras e depois sair de novo. Primeiro ele transformou a água em vinho, depois em cerveja e depois em uísque. Sei que era uísque o último, porque ele precisava de alguém que subisse no palco para ajudá-lo e eu fui — nos dois *shows*! Era Bourbon de Kentucky, Straight. Era um sujeito um bocado generoso, deu-me umas lembranças. (Tira do bolso de trás de suas calças uma *écharpe* brilhante de tôdas as côres do arco-íris.) Ele me deu isto. É uma *écharpe* mágica. Pode ficar pra você, Laura. Você a agita diante de uma gaiola de canários e eles viram peixinhos dourados. Se agitá-la diante dos peixinhos dourados eles voam, transformados em canários! Mas o truque mais sensacional é o do caixão. Nós pregamos o mágico dentro do caixão e ele saiu sem tirar um prego do lugar! (TOM entrou.) Isso é que era um truque que seria ótimo para mim — para tirar-me dêste apêrto! (Cai pesadamente sobre a cama e começa a tirar os sapatos.)

LAURA

Tom! Psiu!

TOM

Psiu por quê?

LAURA

Você assim acorda mamãe.

A MARGEM DA VIDA

TOM

Ótimo! Assim ela me paga todos aquêles "Levante com a luz divina!" (*Deita-se, gemendo*). Você sabe, não é preciso muita inteligência para entrar num caixão fechado a pregos, Laura. Mas quem diabos já saiu de algum sem mexer nem num prego?

(*Como se em resposta, a fotografia do pai sorridente se ilumina.*)

A CENA SE OBSCURECE

(*Imediatamente depois: ouve-se um sino de igreja soando seis horas. Com a sexta badalada o despertador toca no quarto de AMANDA e depois de poucos momentos nós a ouvimos chamando: "Levante com a luz divina!" "Levante com a luz divina!" "Laura, vá dizer a seu irmão para acordar com a luz divina!"*)

TOM

(*Sentando-se vagarosamente na cama*)

Levantar eu levanto mas sem a luz divina!

(*A luz aumenta.*)

AMANDA

Laura, diga a seu irmão que o café está pronto.

(*LAURA entra no quarto da frente.*)

70

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Tom, já são quase sete horas. Não faça mamãe ficar nervosa. (*Ele olha estúpidamente para ela. Suplicante.*) Tom, fale com mamãe agora. Faça as pazes com ela, peça desculpas, fale com ela!

TOM

É ela que não quer falar comigo. Foi ela que me deu "o gêlo".

AMANDA

Se você se desculpar ela falará de novo.

TOM

Ora, ela não fala — é alguma tragédia?

AMANDA

Por favor, Tom, por favor!

AMANDA

(*Chamando, da kitchnette*)

Laura, você vai fazer o que pedi ou tenho que me vestir e ir eu mesma?

LAURA

Já vou, mamãe, assim que eu puser o casaco! (*Ela põe na cabeça um chapéu de feltro já sem forma, com movimentos nervosos e trêmulos, olhando para TOM com expressão de súplica. Corre desajeitadamente para pegar o casaco. Este é um dos "arranjos" de um velho casaco de AMANDA, com as mangas curtas demais para LAURA.*) Manteiga e que mais?

71

A MARGEM DA VIDA

AMANDA

*(Entrando pela parte do fundo do palco)*

É só manteiga. Diga para botarem na conta.

LAURA

Mamãe, fazem uma cara quando eu digo isso!

AMANDA

Ora, cara feia é como chuva: não quebra osso! O Sr. Garfinkel pode fazer a cara que quiser que não tem importância. Diga a seu irmão que o café está esfriando.

LAURA

*(À porta)*

Faça o que eu lhe pedi: está bem? você fará, Tom?  
*(Ele olha para o lado com mau humor e enfado.)*

AMANDA

Laura, se você não fôr agora então não precisa mais ir!

LAURA

*(Saindo às pressas)*

Já vou! Já vou! *(Um segundo depois ela dá um grito. TOM levanta de um pulo e corre em direção à porta. AMANDA também corre, ansiosa. TOM abre a porta.)*

TOM

Laura, que foi?

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

Não foi nada, escorreguei, não aconteceu nada.

AMANDA

*(Seguindo-a, angustiada, com os olhos)*

Se alguém quebrar a perna nesses degraus, o proprietário devia ser processado até o último centavo! *(Fecha a porta. Lembra-se de que não está falando com TOM e volta para o outro recinto.)*

*(Quando TOM entra, desanimado, para tomar café, ela lhe vira as costas e fica de pé, rigidamente, diante da janela na penumbra soturna da arcada. A luz que cai sobre seu rosto de feições idosas mas infantis é de uma crueza impiedosa, satírica como uma gravura de Daumier.)*

(MÚSICA EM SURDINA: Ave-Maria)

*(TOM olha, acanhado mas de mau humor e descorçoado para a figura dela e deixa-se cair sobre a cadeira. O café está pelando, ele sorve um gole, sofre a queimadura e o cospe de novo na xícara. Ao ouvir sua exclamação, AMANDA tem um sobresalto e se vira um pouco. Depois volta à posição anterior.)*

*(TOM assopra o café, olhando de soslaio para a mãe. Ela pigarreia. TOM faz o mesmo. Ele começa a levantar-se. Senta-se de novo, pesadamente, coça a cabeça, pigarreia de novo. AMANDA tosse. TOM ergue a xícara com ambas as mãos para assoprar o café, seus olhos enquanto isso olham acima da beira*

A MARGEM DA VIDA

da xícara para sua mãe, durante vários momentos. Em seguida ele põe a xícara sobre a mesa, lentamente e muito gauche; hesitante, se ergue da cadeira.)

TOM  
(Com voz rouca)

Mamãe... Eu... eu peço desculpas mamãe. (AMANDA respira rápida e convulsamente. Faz caretas grotescas para controlar-se. Prorrompe num choro pueril.) Lamento o que eu disse, lamento tudo o que eu disse, não tive intenção...

AMANDA  
(Soluçando)

Minha dedicação me transformou numa bruxa e eu me tornei odiosa aos olhos de meus filhos!

TOM

Que nada, nada disso, mamãe.

AMANDA

Eu me preocupo tanto, não durmo à noite, fico nervosíssima!

TOM  
(Com ternura)

Eu sei, mamãe.

AMANDA

Tive que lutar sozinha durante todos esses anos. Mas você é meu arrimo, não caia, não falhe!

TENNESSEE WILLIAMS

TOM  
(Com ternura)

Eu tento, mamãe.

AMANDA  
(Com grande entusiasmo)

Tente e você triunfará! (Esta possibilidade a torna ofegante de entusiasmo.) Ora, você... você é imensamente talentoso, meu filho! Meus dois filhos... são extremamente dotados! Você pensa que eu não sei disso? Sinto-me tão... orgulhosa!... feliz! e acho que devo dar graças a Deus por tanta coisa, mas... Prometa-me uma coisa, meu filho!

TOM

O que é, mamãe?

AMANDA

Prometa-me, meu filho, que você nunca vai dar para beber!

TOM  
(Volta-se para ela sorrindo)

Nunca serei um bêbado, mamãe.

AMANDA

Isso é que me assustava tanto, que você começasse a beber! Coma um pouco de mingau Purina!

TOM

Só quero café, mamãe.

AMANDA

Quer uns biscoitinhos de trigo?

*A MARGEM DA VIDA*

TOM

Não, mamãe, só quero café.

AMANDA

Como é que você pode trabalhar o dia inteiro com o estômago vazio? Ainda faltam dez minutos. Não engula o café depressa! Beber líquidos quentes demais dá câncer no estômago... Ponha leite no café.

TOM

Não, obrigado.

AMANDA

É para esfriar.

TOM

Não! Não, obrigado, prefiro sem leite.

AMANDA

Eu sei, mas não lhe faz bem. Temos que fazer tudo ao nosso alcance para nos fortalecer. Nos dias adversos de hoje, a única coisa a que podemos nos agarrar é à família. Por isso é que é tão importante nós... Tom, eu... eu mandei sua irmã ao armazém para poder discutir com você. Se você não tivesse falado comigo, eu teria falado com você. (*Senta-se.*)

TOM

(*Com ternura*)

O que é, mamãe, que você quer discutir?

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Sobre a Laura!

(*Tom depõe sua xícara lentamente sobre a mesa.*)

(*LEGENDA NA TELA: "Laura"*  
(*MÚSICA: O Zoológico de Vidro*)

TOM

Sobre a Laura?...

AMANDA

(*Tocando-lhe a manga do casaco*)

Você sabe como ela é. Tão retraída... mas águas paradas são profundas, como diz o ditado. Ela nota as coisas e eu acho que ela pensa muito sobre tudo. (*TOM olha para ela.*) Há poucos dias, entrei de repente e ela estava chorando.

TOM

Por quê?

AMANDA

Por sua causa.

TOM

Por *minha* causa?

AMANDA

Ela acha que você não é feliz aqui em casa.

TOM

Quem lhe botou essa idéia na cabeça?

AMANDA

E eu sei o que anda na cabeça dela? Mas, realmente, você tem umas reações estranhas, eu... eu não estou criticando,

A MARGEM DA VIDA

*compreenda-me* bem! Sei que suas ambições vão muito além da loja, sei que, como todo mundo, você... teve que fazer sacrifícios, mas... Tom, Tom, a vida não é fácil, exige uma resistência espartana de todos nós. Há tantas coisas dentro de meu coração que não posso nem descrever! Eu nunca lhe contei, mas a verdade é que... *eu amava* seu pai...

TOM

(*Com ternura*)

Eu sei, mamãe.

AMANDA

E você... quando eu vejo que você sai a êle... ficando até tarde fora, e... bem, você bebeu naquela noite em que voltou num estado terrível!

Laura diz que você odeia o apartamento e que você sai à noite para fugir daqui! É verdade, Tom?

TOM

Não. Você disse que há tantas coisas no seu coração que nem pode descrevê-las. O mesmo acontece comigo. Há tanta coisa em meu coração que nem posso descrevê-las... *para você, mamãe!* Portanto, vamos respeitar-nos mútua...

AMANDA

Mas por que, *por que, Tom*, você está sempre tão agitado? Aonde é que você vai à noite?

TOM

Eu... eu vou ao cinema.

78

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Por que você vai tanto ao cinema, Tom?

TOM

Vou ao cinema porque... gosto da aventura. Aventura é o que não há no meu trabalho, por isso vou ao cinema.

AMANDA

Mas, Tom, você vai ao cinema... demais, *demais* mesmo!

TOM

Gosto de muita aventura.

(AMANDA parece surpresa, depois ferida na sua sensibilidade. A medida que o exame inquisitorial se reinicia, êle se torna duro e impaciente de novo. AMANDA volta, quase sem sentir, à sua atitude implicante para com êle.)

IMAGEM NA TELA: "Uma caravela com uma bandeira de pirata içada"

AMANDA

A maioria dos jovens acha aventura em suas próprias carreiras.

TOM

Sim, mas a maioria dos jovens não está empregada em fábricas de calçados.

79

*À MARGEM DA VIDA*

AMANDA

O mundo está cheio de jovens empregados em armazéns, escritórios, fábricas!

TOM

E todos acham aventuras em suas carreiras?

AMANDA

Se não acham, se conformam com isso! Nem todos têm mania da aventura!

TOM

O homem é, por instinto, um amante, um lutador, e nenhum desses instintos pode ser satisfeito nos limites de uma sapataria!

AMANDA

Por instinto! Não me fale de instinto! Instinto é uma coisa de que a gente tem que se libertar! É para animais! Adultos de fé cristã não o desejam de forma alguma.

TOM

O que então que os adultos de fé cristã desejam mamãe?

AMANDA

Coisas superiores! O cultivo da mente e do espírito! Só os animais têm que satisfazer o instinto! Estou certa que seu ideal é um pouco mais alto que o deles! Do que os ideais de um macaco, de um porco...

*TENNESSEE WILLIAMS*

TOM

Na minha opinião, não são.

AMANDA

Ora, você está brincando. Em todo caso, não era isso que eu queria discutir com você.

TOM

*(Levantando-se)*

Não tenho muito tempo.

AMANDA

*(Empurrando-o pelos ombros)*

Sente-se.

TOM

Você quer que eu bata o ponto atrasado no emprêgo, mamãe?

AMANDA

Você ainda tem cinco minutos. Quero falar com você sobre a Laura.

*(LEGENDA: "Planos e providências.")*

TOM

Está bem! O que que tem a Laura?

AMANDA

Temos que fazer planos, tomar providências por ela. Ela é mais velha que você, dois anos, e até agora nada aconteceu.

*A MARGEM DA VIDA*

Ela vive de um dia para outro, sem fazer nada. É uma coisa que me assusta horrivelmente vê-la flutuar assim, *sem um propósito na vida*.

TOM

Bom, acho que ela é do tipo que chamam de môças caseiras.

AMANDA

Não existe ninguém dêsse tipo! E, se existir, é uma pena! Isto é, a menos que a casa seja dela, com um marido!

TOM

O quê?

AMANDA

Oh, vejo a escrita na parede com a mesma nitidez que vejo minhas mãos, por exemplo. É alucinante!

Cada vez mais você me recorda seu pai! Ele ficava na rua horas sem me dar nenhuma explicação!... E depois partiu de vez... Boa noite!

E eu tive que tocar o barco para frente.

Vi aquela carta que você recebeu da Marinha Mercante. Sei com que você está sonhando. Não estou aqui como cabra-cega, de olhos vendados.

Pois então, muito bem, Tom, faça o que deseja!

Mas só depois que houver alguém para preencher o seu lugar!

TOM

O que você quer dizer com isso?

AMANDA

Quero dizer que logo que Laura tiver alguém para cuidar dela, que ela estiver casada, em sua própria casa, independen-

*TENNESSEE WILLIAMS*

te... Então, você estará completamente livre para ir aonde quiser, na terra, no mar, no rumo que os ventos soprarem!

Mas até lá você tem que cuidar de sua irmã. Não digo cuidar de mim porque estou velha e não tenho importância! Digo por causa de sua irmã, porque ela é jovem e depende tanto dos outros!

Matriculei-a numa escola comercial — foi um fracasso tristíssimo! Ela ficou tão apavorada que se sentiu mal do estômago.

Levei-a à Liga dos Jovens, na igreja. Outro fiasco. Ela não falou com ninguém, ninguém falou com ela. Agora o dia inteiro a única coisa que faz é perder tempo com êsses bichinhos de vidro e tocar êsses discos do tempo do onça! Isso é vida para uma môça?

TOM

O que eu posso fazer?

AMANDA

Vencer seu egoísmo!

Você só pensa em você, em você, em você!

(TOM levanta-se de um pulo e vai pegar o sobretudo, que é velho e volumoso. Põe na cabeça um boné e os protetores contra o fio sôbre as orelhas.)

Onde está seu cachecol? Ponha seu cachecol de lã!

(Ele o arranca com fúria do armário e o enrola de qualquer jeito no pescoço, amarrando forte as duas pontas.)

Tom! Ainda não disse o que eu tinha para lhe dizer!

*A MARGEM DA VIDA*

TOM

Já estou atrasado demais para...

AMANDA

*(Segurando-lhe o braço... de maneira muito importuna. Depois, timidamente:)*

Lá onde você trabalha... será que não há... alguns rapazes de família?

TOM

Não!

AMANDA

Mas deve haver... alguns, pelo menos...

TOM

Mamãe... *(faz um gesto)*.

AMANDA

Ache um que seja decente... que não beba... e convide-o a visitar sua irmã!

TOM

O que?

AMANDA

Sua irmã! Para conhecê-la! Ser apresentado!

TOM

*(Sai, pela porta, batendo os pés)*

Ora, francamente...

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Você vai trazer um? *(Ele abre a porta. AMANDA, com voz suplicante:)* Vai? *(Ele começa a descer.)* Vai? Vai, meu bem?

TOM

*(Respondendo)*

Vou!

*(AMANDA fecha a porta, hesitante, e com uma expressão aflita mas levemente esperançosa.)*

IMAGEM NA TELA: A capa de um magazine sofisticado.

*(A luz cai sobre AMANDA, ao telefone.)*

AMANDA

Alô, Ella Cartwright? Aqui quem está falando é Amanda Wingfield!

Como vai essa querida?

E os rins, melhorou?

*(pausa de 5 segundos)*

Que horror!

*(pausa de 5 segundos)*

Você é uma verdadeira mártir cristã, meu bem, isso é que você é, uma mártir cristã!

Pois é, eu vi agora mesmo no meu caderninho vermelho de notas que a sua assinatura da "Companheira" acabou! E eu sabia que você não queria perder o romance em série fabuloso

À MARGEM DA VIDA

que começa neste número. É escrito por Bessie Mae Hopper, a primeira coisa que ela escreve desde *Lua-de-Mel Para Três*.

Que história estranha e interessante que foi, não? Pois é, mas esta é mil vezes melhor, calculo. Passa-se num ambiente de *society* muito fino. É inteirinho sôbre os grã-finos da Hípica em Long Island!

Cena 5

LEGENDA NA TELA: "Anunciação" (Desaparece ao som da música.)

É o início do entardecer de um dia de primavera. Acabaram de jantar no apartamento dos Wingfields. AMANDA e LAURA, usando vestido de côres vivas, estão tirando os pratos da mesa, na parte de trás do palco, que está na penumbra; seus movimentos são formais como os de uma dança ou de um ritual, suas silhuêtas em movimento parecem silenciosas e pálidas como maripósas.

TOM, de calças e camisa brancas, levanta-se da mesa e caminha em direção à escada de incêndio.

AMANDA

(Enquanto êle passa por ela)

Meu filho, quer me fazer um favor?

TOM

O que é?

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

Penteie o cabelo! Você fica tão bonito com o cabelo penteado! (TOM se esparrama no sofá, lendo o jornal vespertino. Manchetes enormes: "FRANCO TRIUNFA.") Há um único ponto no qual eu queria que você imitasse seu pai.

TOM

E qual é?

AMANDA

O cuidado que ele sempre tinha com a própria aparência. Nunca se permitiu o menor desleixo. (Ele joga o jornal no chão e vai rrrmo à escada de incêndio.) Aonde é que você vai?

TOM

Vou fumar lá fora.

AMANDA

Você fuma demais. Um maço por dia, a quinze cents por maço. Quanto faz por mês? Trinta vezes quinze quanto é, Tom? Faça o cálculo e ficará espantado com a quantia que você podia economizar. O bastante para pagar-lhe um curso noturno de contabilidade na Universidade de Washington! Pense só, que maravilha seria para você, meu filho!

(TOM não demonstra nenhum entusiasmo.)

TOM

Prefiro fumar. (Vai para fora, para o patamar da escada, deixando que a porta de tela bata com força detrás de si.)

AMANDA  
(Acidamente)

Eu sei. Ai é que está a tragédia! (Sòzinha, ela se volta para contemplar a fotografia do marido.)

TENNESSEE WILLIAMS

MÚSICA DE DANÇA: "All the world is waiting for the sunrise!"

TOM

(Dirigindo-se ao público)

Do outro lado do beco, onde estava nossa casa, havia o Salão Dançante Paraíso. Nas noites de primavera, as janelas e as portas ficavam abertas e a música saía janela afora. Às vezes, apagavam tôdas as luzes, menos a esfera de vidro grande que estava dependurada do teto. Era uma esfera que girava lentamente e filtrava na penumbra côres delicadas do arco-íris. Então a orquestra tocava uma valsa ou um tango, uma melodia qualquer de ritmo lento e sensual. Casais saíam do salão, buscando a intimidade relativa do beco. Você podia vê-los beijando-se detrás de bueiros e de postes.

Era a compensação que tinham para vidas que passavam, como a minha, sem mudanças ou sem aventura.

Mas aventura e mudanças eram coisas iminentes naquele ano. Estavam esperando, ao virar da esquina, por todos êsses rapazes.

Suspensas na neblina sòbre Berchtesgaden, prêsas nas pregas do guarda-chuva de Chamberlain...

Na Espanha houve Guernica!

Nas aqui só havia música de swing hot e uísque, salões de dança, cinemas e sexo, que pairava na penumbra como um lustre e inundava o mundo de arco-íris breves e ilusórios...

O mundo inteiro estava à espera de bombardeios!

(AMANDA vira as costas para a fotografia e sai para a escada.)

*À MARGEM DA VIDA*

AMANDA  
(*Suspirando*)

Um lance de escada de incêndio é um mau substituto para uma varanda. (*Ela espalha o jornal num dos degraus e senta-se com graça e decôro afetado como se estivesse se sentando num balanço, no pátio de uma mansão senhorial no Mississipi.*) O que você está olhando?

TOM  
A Lua.

AMANDA  
Hoje é noite de Lua?

TOM  
Está surgindo detrás da loja de frios Garfinkel.

AMANDA  
Está mesmo! Parece uma cimitarra prateada! Já fêz seu pedido a ela?

TOM  
Hum-hum.

AMANDA  
O que que você desejou?

TOM  
É segredo.

AMANDA  
Segredo, hem? Bem, não lhe conto o meu também. Vou ser tão misteriosa quanto você.

*À MARGEM DA VIDA*

TOM

Aposto que eu sou capaz de adivinhar o seu.

AMANDA

Será que sou tão transparente?

TOM

Uma esfinge você não é...

AMANDA

Não, não tenho segredos. Vou lhe dizer o pedido que fiz quando vi a Lua. Pedi sucesso e felicidade para meus filhos adorados! É o que eu sempre peço quando vejo a Lua e, mesmo quando ela não aparece, eu peço a mesma coisa!

TOM

Pensei que você desejasse a visita de um admirador para Laura.

AMANDA

Por que você diz isso?

TOM

Você não se lembra que me pediu para arranjar um?

AMANDA

Só me lembro de ter sugerido que seria muito simpático para sua irmã se você trouxesse aqui em casa um rapaz educado,

*A MARGEM DA VIDA*

que trabalhe com você no depósito. Acho que já fiz essa sugestão várias vezes.

TOM

Já, repetidas vezes.

AMANDA

E...?

TOM

Vamos receber um.

AMANDA

O quê?

TOM

Um cavalheiro de visita.

*(A comunicação é celebrada com música.)*

*(AMANDA se levanta.)*

*(IMAGEM NA TELA: O visitante com um buquê)*

AMANDA

Quer dizer que você convidou um rapaz distinto para vir nos ver?

TOM

Exatamente. Convidei-o para jantar.

AMANDA

Foi mesmo, meu filho?

92

*TENNESSEE WILLIAMS*

TOM

Exatamente.

AMANDA

Convidou, hem? E êle... aceitou?

TOM

Aceitou!

AMANDA

Sim, senhor! Ora vejam só... Mas... é maravilhoso!

TOM

Pensei que essa notícia ia agradá-la.

AMANDA

É certo, então, êle vem?

TOM

Certíssimo.

AMANDA

Breve?

TOM

Muito breve.

AMANDA

Pelo amor de Deus deixe de ser emproado e me conte logo tudo, ouviu?

TOM

Contar o quê, por exemplo?

93

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Naturalmente, eu queria saber *quando* êle vem!

TOM

Vem amanhã.

AMANDA

*Amanhã?*

TOM

Sim, senhora: Amanhã.

AMANDA

Mas, Tom!

TOM

O que é, mamãe?

AMANDA

Até amanhã não me dá tempo!

TOM

Tempo para quê?

AMANDA

Para os preparativos! Por que você não me telefonou logo, assim que você o convidou, no mesmo minuto que êle aceitou? Então, sabe, eu podia começar a aprontar tudo!

TOM

Não tem que fazer nada demais.

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Ora, Tom, Tom, Tom, claro que tenho que fazer mil coisas! Quero tudo muito direitinho, nada desleixado! Nada improvisado. Terei que pensar muito rápido agora, não é?

TOM

Não sei para quê.

AMANDA

Você nem sabe! Não podemos receber a visita de um cavalheiro num chiqueiro!

Temos que polir os talheres de prata de meu casamento, que lavar e passar a toalha de linho com monogramas! As janelas têm que ser lavadas e tenho que colocar cortinas novas! E as nossas roupas? Alguma coisa teremos que usar, não é?

TOM

Mamãe, não é preciso fazer tanta cerimônia com êsse rapaz!

AMANDA

Será que você não se dá conta de que êle é o primeiro rapaz que você apresenta à sua irmã?

É horrível, pavoroso, uma desgraça, mas a coitada da sua irmãzinha nunca recebeu uma única visita de cavalheiro! Tom, venha para dentro!

*(Ela abre a porta de tela.)*

TOM

Para quê?

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Quero lhe perguntar umas coisas.

TOM

Se você vai fazer tanta confusão, desmarco tudo, digo a êle para não vir mais!

AMANDA

Não, senhor, nada disso! A coisa mais ofensiva que existe é desmarcar um compromisso fixo. A verdade é que eu vou ter de trabalhar como um mouro! Não daremos uma impressão brilhante, mas passaremos no exame. Venha para dentro. (TOM a segue, lamentando-se.) Sente-se.

TOM

Você quer que eu me sente em algum lugar especial?

AMANDA

Graças a Deus que tenho aquêle sofá nôvo! Estou terminando de pagar as prestações do abajur de pé que vou mandar vir da loja. E vou pôr também as capas de *Chintz*, para alegrar um pouco os móveis! Bem, é claro que eu preferiria se as paredes estivessem empapeladas de nôvo... Como se chama êsse rapaz?

TOM

O'Connor.

AMANDA

Bem, o jantar certamente será peixe — amanhã é sexta-feira! Vou fazer rolão de salmão com molho "Dukee".  
O que êle faz? Trabalha no depósito?

*TENNESSEE WILLIAMS*

TOM

É lógico, se não como eu...

AMANDA

Tom, êle... não bebe?

TOM

Por que você me pergunta isso?

AMANDA

Porque seu pai bebia!

TOM

Não comece você, mamãe...

AMANDA

Ah, então êle bebe, não é?

TOM

Não que eu saiba!

AMANDA

Verifique, certifique-se! Seria a última coisa que eu desejaria para a minha filha, entregá-la a um rapaz beberrão!

TOM

Você não está correndo um pouco com as coisas, mamãe?  
O Sr. O'Connor ainda não entrou em cena!

A MARGEM DA VIDA

AMANDA

Mas virá amanhã. Para conhecer sua irmã e sei lá como êle é de caráter?

Não sei nada! É melhor ficar solteirona do que casar com bêbado!

TOM

Ora, pelo amor de Deus!

AMANDA

Fique quieto!

TOM

*(Inclinando-se para a frente para sussurrar)*

Milhares de sujeitos conhecem môças e não se casam com elas!

AMANDA

Ora, tenha juízo, Tom... e não seja sarcástico! *(Ela pegou uma escôva de cabelo)*.

TOM

O que você está fazendo?

AMANDA

Estou dando uma escovada nessa pastinha!  
Que posição ocupa êsse jovem no depósito?

TOM

*(Submetendo-se de mau grado à escôva e à interrogação)*

A posição dêste jovem é de encarregado das remessas, mamãe.

98

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Parece um lugar de muita responsabilidade, o tipo de emprêgo em que *você* estaria se tivesse um pouco mais de ânimo!

Que salário será que êle ganha? Você faz uma idéia?

TOM

Eu calculo aí por volta de oitenta e cinco dólares por mês.

AMANDA

Bem, nada de nababesco, mas...

TOM

Vinte a mais do que *eu* ganho!

AMANDA

Pois é, como se eu não soubesse! Mas para um chefe de família, oitenta e cinco dólares por mês não são muito mais do estritamente necessário para viver...

TOM

De acôrdo, mas o Sr. O'Connor não é chefe de família.

AMANDA

Mas pode se tornar, não pode? No futuro, talvez?

TOM

Já sei: providências e planejamentos.

99

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

Você é o único rapaz que eu conheço que ignora o fato de que o futuro se transforma no presente, o presente no passado e o passado se torna um remorso sem fim se não planejarmos tudo com antecipação!

TOM

Vou pensar sobre o caso e ver se compreendo isso, mamãe.

AMANDA

Não seja convencido, logo com sua mãe! Diga-me mais uma coisa: como é o nome todo dele?

TOM

James D. O'Connor. D. é abreviatura de Delaney.

AMANDA

Irlandês por parte de pai e mãe! Nossa Senhora! E não costuma beber?

TOM

Quer que eu telefone para ele agora para perguntar?

AMANDA

A única maneira de averiguar essas coisas é fazer perguntas discretas no momento oportuno. Quando eu era mocinha em Blue Mountain se suspeitavam que um rapaz bebia, a moça cujas atenções ele vinha recebendo, se é que ela existia, dirigia-se ao pároco da igreja que ele freqüentava, ou melhor, o pai dela ia, se estivesse vivo, para ter uma idéia aproximada do

TENNESSEE WILLIAMS

caráter do rapaz. Essa é que é a maneira discreta de lidar com esse assunto e impedir uma moça inexperiente de cometer um erro trágico!

TOM

Então como é que você cometeu um erro trágico?

AMANDA

Aquêle ar inocente de seu pai enganou todo mundo! Bastava ele *sorrir* — e o mundo todo estava enfeitado! Não existe pior sina que a da moça que se cativa por um homem bonito!

Faço votos para que o Sr. O'Connor não seja bonito demais!

TOM

Fique tranqüila: não é o caso. Tem sardas à beça e quase não tem nariz.

AMANDA

Bom, você não vai me dizer que ele é feio, mas feio mesmo?

TOM

Não, feio mesmo não. Meio feio, eu diria.

AMANDA

Bem, o que conta num homem é o caráter.

TOM

É o que eu sempre digo, mamãe.

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Você nunca disse isso e duvido que você tenha pensado isso uma única vez!

TOM

Não duvide tanto de mim!

AMANDA

Espero pelo menos que ele seja um tipo dinâmico e de futuro!

TOM

É, acho que ele é partidário da teoria do "melhora-te a ti mesmo".

AMANDA

Que motivos você tem para crer isso?

TOM

Ele frequenta a escola noturna.

AMANDA  
(Radiante)

Formidável! O que que ele segue, quero dizer, que cursos?

TOM

Radiotécnico e oratória.

102

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Ah, então ele tem ambições de progredir na vida!  
Qualquer jovem que estuda oratória visa a assumir um lugar de chefia algum dia.

E rádio? É um campo de muito futuro!

Ambos êstes fatos são muito esclarecedores. São essas coisas que uma mãe tem que saber sobre qualquer rapaz que venha cortejar sua filha.

Cortejar... a sério ou não.

TOM

Posso fazer uma advertênciazinha? Ele nem sabe da existência de Laura.

Não deixei transparecer que tínhamos motivos ulteriores e misteriosos.

Apenas lhe disse: por que você não vem jantar conosco? Ele aceitou e foi só.

AMANDA

Quanto a isso não tenho dúvida! Você é eloqüente como uma ostra.

Bem, de qualquer modo ele saberá da existência de Laura assim que chegar. Assim que ele vir como ela é linda, terna e encantadora, erguerá as mãos para o céu por ter vindo jantar aqui.

TOM

Mamãe, você não deve confiar tanto nos encantos da Laura.

AMANDA

O que que você quer dizer?

103

TOM

Laura pode parecer tudo isso para você e para mim porque ela é nosso sangue e nós a amamos. Nós nem notamos mais que ela é aleijada.

AMANDA

Não diga "aleijada"! Você bem sabe que eu nunca permito que se use essa palavra!

TOM

Mas encare os fatos como são, mamãe, ela é mesmo e não é só isso...

AMANDA

O que você quer dizer, "não é só isso"?

TOM

Laura é muito diferente das outras môças,

AMANDA

Acho que a diferença é tôda a favor dela.

TOM

Não tôda... para quem não a conhece, os estranhos... ela é timidíssima e vive num mundo só seu e, você sabe, tudo isso a torna um pouco esquisita para os que estão de fora...

AMANDA

Não diga "esquisita"!

TOM

Encare os fatos, mamãe, ela é esquisita.

*(A música do salão de dança muda para um tango que é tocado num tom menor e vagamente ameaçador.)*

AMANDA

O que que ela tem de esquisita, se posso saber?

TOM

*(Com ternura)*

Ela vive num mundo à parte, só dela... um mundo... de ornamentos de vidro, mamãe... *(Levanta-se, AMANDA permanece segurando a escôva, olhando para êle, perturbada.)* Ela toca discos velhos na vitrola e... nada mais... *(Êle olha para si mesmo no espelho e move-se em direção à porta.)*

AMANDA

*(Com rispidez)*

Aonde é que você vai?

TOM

Vou ao cinema. *(Sai pela porta de tela.)*

AMANDA

Para o cinema, não, tôda noite ao cinema! *(Segue-o rapidamente até à porta de tela.)* Não acredito que você vá tôdas

A MARGEM DA VIDA

as noites ao cinema! (Ele já se foi. AMANDA segue-o com a vista, com uma expressão preocupada, durante um momento. Logo depois ela recobra a vitalidade e o otimismo e vira-se, dando as costas para a porta. Cruzando em direção às portières.) Laura! Laura!

(LAURA responde da kitchenette.)

LAURA

Que é, mamãe?

AMANDA

Deixe esses pratos aí e venha para a sala! (LAURA aparece com o pano de pratos. Alacrememente.) Laura, venha cá e faça um pedido, agora que a Lua surgiu!

A IMAGEM NA TELA: A Lua.

LAURA  
(Entrando)

A Lua? A Lua?

AMANDA

Uma cimitarra prateada!  
Olhe para trás pelo ombro esquerdo, Laura, e faça um pedido!

(LAURA parece um tanto atônita como se tivesse acordado agora. AMANDA a segura pelos ombros e a faz voltar-se em ângulo junto à porta.)

Agora!

Agora, meu bem, faça o pedido!

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

O que que eu devo pedir, mamãe?

AMANDA

(Com a voz trêmula e com os olhos repentinamente cheios de lágrimas)

Felicidade! Boa sorte!

(O som dos violinos aumenta e o palco se obscurece.)

Desce a Cortina

## Cena 6

IMAGEM: *O herói ginásiano*

E foi assim que na noite seguinte eu levei Jim a casa para jantar. E o conhecia pouco do ginásio. No ginásio, Jim era um herói. Tinha um bom humor e uma vitalidade de irlandês fantásticos, tinha sempre o aspecto esfregado e brilhante de louça lavada há pouco. Parecia que um holofote o seguia em toda parte. Era um dos ases do basquete, chefe do clube de debates, presidente da classe mais adiantada e do clube de cantores e desempenhava o principal papel masculino nas operetas que montávamos anualmente no ginásio. Estava sempre correndo ou pulando, nunca andava como os outros. Parecia sempre a ponto de vencer a lei da gravidade. Tinha um sucesso tão vertiginoso durante a adolescência que todos, logicamente, esperavam que ele aos trinta anos acabaria na Casa Branca, nada mais nada menos. Mas parece que Jim encontrou dificuldades depois de sua formatura em Soldan. Sua velocidade diminuiu a olhos vistos. Seis anos depois de deixar o ginásio, estava num emprego não muito melhor do que o meu.

*À MARGEM DA VIDA*

IMAGEM: *Um caixeiro*

Ele era o único na sapataria com quem eu tinha relações amistosas. Jim me considerava valioso porque era alguém que se lembrava de sua glória passada, que o vira vencer jogos de basquete e arrebatara a taça de prata no concurso de eloquência. Sabia de meu estratagema secreto de retirar-me para um gabinete do banheiro para trabalhar nos meus poemas quando a loja estava meio parada. Ele me chamava de Shakespeare. E, enquanto os outros rapazes na sapataria me viam com uma hostilidade mesclada de suspeita, Jim me tomava pelo lado humorístico. Gradualmente, sua atitude contagiou os outros, sua hostilidade diminuiu e eles começaram a sorrir para mim como quem sorri para um cachorro de aspecto esquisito que surge em seu caminho a certa distância.

Eu sabia que Jim e Laura tinham-se conhecido em Soldan e tinha ouvido Laura referir-se à voz dele com admiração. Não sabia se Jim ainda se lembrava dela ou não. No ginásio, Laura passara tão despercebida quanto Jim se tornava espantoso. Se ele se lembrasse dela não era por ser minha irmã, porque quando eu o convidei para jantar, ele sorriu e disse: "Você sabe de uma coisa, Shakespeare? Nunca pensei que você tivesse família..."

Agora ele estava prestes a descobrir que eu a tinha...

*(A luz ilumina o palco.)*

LEGENDA NA TELA: "Os passos inconfundíveis"

*(Sexta-feira à tarde. São mais ou menos cinco horas de uma tarde do final da primavera que desce "espalhando poemas pelo céu afora".) (Uma deli-*

TENNESSEE WILLIAMS

*cada luz côr de limão no apartamento dos Wingfields.)*

*(AMANDA trabalhou como um mouro nos preparativos para a visita do cavalheiro. Os resultados são assombrosos. O nôvo abajur de pé de sêda côr-de-rosa está em seu lugar, uma lanterna de papel colorido oculta a tomada da luz quebrada no teto, novas e enfunadas cortinas brancas ornaram as janelas, capas de Chintz estão sôbre as cadeiras e o sofá, duas novas almofadas fazem sua aparição em cena.)*

*(Caixas abertas e papel de sêda estão espalhados pelo chão.)*

*(LAURA está no meio da sala com os braços erguidos enquanto AMANDA se abaixa em frente dela, ajustando a bainha do vestido nôvo, de maneira dedicada e ritual. O vestido é colorido e desenhado pela memória. O penteado de Laura está mudado, está agora mais suave e mais apropriado. Desprende-se de LAURA uma beleza frágil e etérea. Ela parece agora um cristal translúcido tocado pela luz, que lhe empresta uma radiação momentânea, não verdadeira, não duradoura.)*

AMANDA  
*(Impaciente)*

Por que você está tremendo?

LAURA

Mamãe, você me faz ficar tão nervosa!

*À MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Nervosa? Por quê?

LAURA

Com tôda essa confusão! Você faz tudo parecer... tão importante!

AMANDA

Eu não compreendo você, Laura. Você não se satisfazia com ficar em casa o tempo todo, no entanto, cada vez que eu tento lhe arranjar alguma coisa, você parece que resiste.

*(Levanta-se.)*

Agora olhe-se no espelho!  
Não, espere! Espere um minuto... Tenho uma idéia!

LAURA

O que será agora?

*(AMANDA tira fora duas esponjas de pó-de-arroz que enrola em lenços e coloca no seio de LAURA.)*

Que é que você está fazendo, mamãe?

AMANDA

É o que se chama de "disfarces sedutores"!

LAURA

Não vou usar isso!

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Vai, sim, senhora!

LAURA

Por quê, mamãe?

AMANDA

Porque, para ser dolorosamente franca, seu peito é uma tábua.

LAURA

Da maneira como você age, parece que estamos preparando uma armadilha.

AMANDA

Tôdas as môças bonitas são armadilhas, uma armadilha encantadora, e é isso mesmo que os homens esperam.

LEGENDA: *"Uma armadilha encantadora"*

Agora olhe-se no espelho, *mademoiselle*. Você nunca ficará mais linda!

Agora tenho que me preparar! Você vai ficar surpresa com a aparência de sua mãe! *(Ela atravessa os reposteiros cantando alegremente.)*

*(LAURA caminha lentamente em direção ao longo espelho e solenemente se contempla nêle.)*

*(O vento impele as cortinas brancas para dentro com um movimento vagaroso e cheio de graça e com um suspirar leve e melancólico.)*

A MARGEM DA VIDA

AMANDA  
(Fora do palco)

Ainda não está muito escuro. (Ela se volta devagar em frente ao espelho com uma expressão preocupada.)

LEGENDA NA TELA: "Eis a minha irmã:  
Celebrem-na ao som de instrumentos de cordas!"  
MÚSICA

AMANDA  
(Idem, rindo)

Vou lhe mostrar uma coisa. Vou fazer uma entrada espetacular!

LAURA  
Como, mamãe?

AMANDA

Fique bem paciente, minha filha — você verá!  
É uma coisa que ressuscitei daquele baú velho! Afinal, a moda não mudou tanto assim...

(Ela abre os reposteiros.)

Dê uma olhada em sua mãe!

(AMANDA está usando um vestido juvenil, de voile amarelado com uma faixa de sêda azul. Segura um buquê de junquinhos — a lenda de sua mocidade está quase reavivada. Febrilmente:)

Foi êste o vestido que usei quando liderei o cotillon. Com êle venci o concurso de cakewalk duas vêzes em Sunset Hill, e fui com êle na primavera ao baile do Governador, em Jackson!

TENNESSEE WILLIAMS

Viu como dancei o *chassé* com elegância no salão de baile, Laura?

(Ela ergue a saia e dança com passos miúdos pela sala.)

Eu o usava aos domingos para receber a visita de meus admiradores! Estava com êle no dia em que conheci seu pai...

Tive febre de malária a primavera inteira, aquêlo ano. Era a mudança de clima do Leste do Tenessi para a região do Delta — depauperou-me um pouco... — estava sempre com uma pontinha de febre — nada de sério... mas bastava para me deixar tonta e agitada! Os convites choviam... festas na região inteira do Delta! "Fique na cama", mamãe dizia, "você está com febre, menina!", mas eu não podia! Tomava as doses de quinino e não parava um segundo! De noite, bailes! De tarde, passeios que não acabavam mais! Piqueniques maravilhosos! Tão deslumbrante aquela paisagem em maio! Todo rendilhado, de margaridinhas, uma enxurrada de junquinhos! Foi naquela primavera que eu tomei loucura por junquinhos. Junquinhos se tornaram uma verdadeira obsessão para mim. Mamãe dizia — "Mas, meu bem, não há mais espaço para junquinhos." Mas eu continuava a trazer mais e mais. Em qualquer lugar e a qualquer hora que eu os visse eu gritava: "Pare! Pare! Olha ali junquinhos!" Fazia os rapazes me ajudarem a colhêr os junquinhos. Eu já virava até anedota com minha mania por aquelas flôres! Até que afinal não havia mais vasos na casa para todos, qualquer cantinho livre estava empanturrado de junquinhos. Eu dizia: Se não há mais vasos para colocá-los, eu mesma vou segurá-los então! E foi aí que eu... (Para em frente à fotografia. Música)... conheci seu pai!

Febre de malária, junquinhos e depois... aquêlo rapaz...

*À MARGEM DA VIDA*

*(Ela liga o abajur côr-de-rosa.)*

Espero que eles cheguem antes de começar a chover.

*(Ela vai para a parte de trás do palco e coloca os junquinhos num jarro, sôbre a mesa.)*

Dei um trocado extra a seu irmão para ele e o Sr. O'Connor poderem tomar o táxi para vir. . .

LAURA

*(Mudando de expressão)*

Como você disse que é o sobrenome dêle?

AMANDA

O'Connor.

LAURA

E o nome?

AMANDA

Não me lembro. Ah, me lembro, sim. É. . . Jim!

*(LAURA baça um pouco e segura-se a uma cadeira.)*

LEGENDA NA TELA: "Jim. . . Não!"

LAURA

*(Sussurrando)*

Jim. . . não!?

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

É sim, foi isso mesmo: Jim! Nunca conheci um Jim que não fôsse simpático!

*(MÚSICA: Ameaçadora)*

LAURA

Você tem certeza de que o nome dêle é Jim O'Connor?

AMANDA

Tenho. Por quê?

LAURA

É o mesmo que o Tom conhecia no ginásio?

AMANDA

Isso ele não me disse. Acho que ele o conheceu lá mesmo na loja.

LAURA

No ginásio havia um Jim O'Connor que nós dois conhecíamos. . . *(Depois, com esforço.)* Se fôr o mesmo que Tom está trazendo para jantar. . . peço desculpas, mas não aparecerei na sala.

AMANDA

Que bobagem é essa?

LAURA

Você me perguntou se alguma vez eu já tinha gostado de um rapaz. Você não se lembra que eu lhe mostrei a fotografia dêle?

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

Ah, você quer dizer o rapaz que você me mostrou no álbum de formatura do colégio?

LAURA

Esse mesmo.

AMANDA

Mas, Laura, você estava apaixonada por aquele rapaz?

LAURA

Não sei, mamãe. Só sei que não posso sentar-me à mesa se fôr êle!

AMANDA

Não será êle! Não me parece nada provável. Mas seja ou não, você vai sentar-se conosco. Não tem desculpa!

LAURA

Mas você tem que me dispensar, mamãe.

AMANDA

Não estou com paciência para aturar seus caprichos, Laura! Já agüentei muita coisa de você e de seu irmão, dos dois!

De modo que vá tratando de se sentar e de ficar calma até eles virem. Tom esqueceu de levar a chave, portanto você é que abrirá a porta quando eles chegarem.

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

(Tomada de pânico)

Oh, mamãe... não! Abra você!

AMANDA

(Despreocupada)

Estarei ocupada na cozinha!

LAURA

Oh, mamãe, por favor abra a porta, não me force!

AMANDA

(Caminhando rumo à kitchenette)

Tenho que preparar o mólho para o salmão. Tanta confusão, tanta tolice... por causa da visita de um cavalheiro.

(A porta se fecha. LAURA está sòzinha.)

LEGENDA: "Terror!"

(Ela deixa escapar um leve gemido e apaga a lâmpada; senta-se rigidamente na beira do sofá, torcendo os dedos.)

LEGENDA NA TELA: "A abertura da porta!"

TOM e JIM aparecem nos degraus da escada de incêndio e sobem para o lance. Ouvindo-os aproximar-se, LAURA se levanta com um gesto de pânico. Retira-se por detrás dos reposteiros.)

(Soa a campainha. LAURA respira ofegante e toca a garganta. Tambores ressoam baixo.)

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA  
(*Chamando*)

Laura, meu bem! A porta!

(LAURA olha fixamente para a porta sem se mover.)

JIM

Acho que escapamos por pouco da chuva.

TOM

Ahan! (*Ele toca de nóvo, nervosamente. Jim assobia e busca nos bolsos um cigarro.*)

AMANDA  
(*Alegríssima*)

Laura, é seu irmão com o Sr. O'Connor! Você não vai deixá-los entrar, meu bem?

(LAURA vai rumo à porta da kitchenette.)

LAURA  
(*Sem fôlego*)

Mamãe... vá você abrir a porta!

(AMANDA sai da kitchenette e encara LAURA com raiva, apontando majestosamente para a porta.)

LAURA

Por favor, mamãe, eu lhe peço!

120

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA  
(*Num murmúrio feroz*)

O que é que você tem, sua bôba?

LAURA  
(*Com desespero*)

Você abra, por favor, por favor!

AMANDA

Eu lhe disse que não ia fazer suas vontades, Laura. Por que você escolheu justamente agora para perder o juízo?

LAURA

Por favor, abra você, por favor, eu suplico!

AMANDA

Você tem que abrir porque eu não posso.

LAURA  
(*Desesperando-se*)

Nem eu!

AMANDA

Por quê, criatura?

LAURA

Estou... passando mal!

121

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

Ora, eu também, estou doente dessas suas asneiras! Por que você e seu irmão não são normais como todo mundo? Cheios de caprichos fantásticos e com comportamento incrível!

(TOM toca a campainha longamente.)

Que absurdo! Você pode me dar uma razão. (Respondendo com voz lírica.) Já vouuu! Um momentinho! — por que você tem medo de abrir a porta? Vamos, responda, Laura!

LAURA

Oh, oh, oh... (Ela volta, através dos reposteiros. Corre celeremente e dá corda à vitrola com frenesi, fazendo-a funcionar.)

AMANDA

Laura Wingfield, abra aquela porta i-me-di-a-ta-men-te!

LAURA

Está bem... está bem, mamãe!

(Uma execução longínqua e arranhada de Dardanella suaviza a atmosfera e dá força suficiente a LAURA para movimentar-se nela. Dirige-se furtivamente à porta e cautelosamente a abre pela metade.)

(TOM entra com a visita, JIM O'CONNOR.)

TOM

Laura, este é Jim. Jim, esta é minha irmã, Laura.

TENNESSEE WILLIAMS

JIM  
(Entrando)

Eu não sabia que Shakespeare tinha uma irmã!

LAURA  
(Retrocedendo rigidamente e tremendo)

Como... como vai?

JIM  
(Estendendo-lhe a mão efusiva e sinceramente)

Okay!

(LAURA a toca hesitantemente.)

JIM

Sua mão está fria, Laura!

LAURA

Pois é... eu... estava tocando a vitrola...

JIM

Você deve ter tocado música clássica! É melhor tocar um pouco de *swing* bem animado para esquentar um pouco!

LAURA

Desculpe... ainda não acabei de ouvir os discos...

(Ela se volta e corre para a sala da frente. Para um segundo junto à vitrola. Depois respira fundo e foge a toda brida pelos reposteiros como um cervo assustado.)

*A MARGEM DA VIDA*

JIM  
(Sorrindo largamente)

O que houve?

TOM

Ah, com Laura? A Laura... é timidíssima!

JIM

Tímida, hem? É raro encontrar uma môça tímida hoje em dia. Acho que você nunca mencionou que tinha uma irmã.

TOM

Pois é, agora você já sabe. Tenho, sim. Olhe aqui o *Post Dispatch*, quer ler uma parte?

JIM

Ahan!

TOM

Qual você quer? As histórias em quadrinhos?

JIM

A página dos esportes! (Olhando para o jornal rapidamente.) O maluco do Dean foi punido por mau comportamento em campo.

TOM  
(Desinteressado)

Ah, foi? (Acende um cigarro e dirige-se à porta da escada de incêndio.)

*TENNESSEE WILLIAMS*

JIM

E você... aonde é que vai?

TOM

Vou até o terraço.

JIM  
(Indo atrás dele)

Sabe de uma coisa, Shakespeare? Vou lhe vender uma idéia!

TOM

Que idéia?

JIM

É um curso que estou tomando.

TOM

O quê?

JIM

Um curso de oratória! Você e eu, nós não somos o tipo para trabalhar em depósitos!

TOM

Obrigado... que boa notícia!  
Mas o que tem a oratória que ver com isso?

JIM

Ela prepara você... para posições de chefia!

*A MARGEM DA VIDA*

TOM  
Qual!...

JIM

Eu estou lhe dizendo que me fêz um bem enorme, homem!

A IMAGEM: O Bureau de um chefe executivo.

TOM  
Em que sentido?

JIM

Em todos! Pense um pouco: qual é a diferença entre mim, você e a turma do escritório? Massa cinzenta? Não! Capacidade? Não. Então o quê? Uma coisinha à-toa...

TOM  
E que é essa coisinha à-toa?

JIM

Fundamentalmente significa... aprumo social! A capacidade de não se sentir inferior a ninguém e de impor-se em qualquer nível social!

AMANDA  
(Fora do palco)  
Tom?

TOM  
Que é, mamãe?

AMANDA

É você que está na sala com o Sr. O'Connor?

*TENNESSEE WILLIAMS*

TOM  
Sou, mamãe.

AMANDA

Bem, fiquem à vontade, hem?

TOM  
Está bem, mamãe.

AMANDA

Pergunte ao Sr. O'Connor se êle quer lavar as mãos.

JIM  
Ah, não... não, obrigado... Eu já lavei lá na loja.  
Tom...

TOM  
Que é?

JIM

O Sr. Mendoza estêve me falando sôbre você.

TOM  
Bem ou mal?

JIM  
O que você acha?

TOM

Pra dizer a verdade...

JIM

Você vai estar no olho da rua se você não acordar, rapaz!

À MARGEM DA VIDA

TOM  
Eu estou acordando.

JIM  
Não parece.

TOM  
É porque é um processo interior.

IMAGEM NA TELA: *O navio veleiro com a bandeira de pirata novamente*

TOM

Estou com planos de mudar. (*Encosta-se à balaustrada, falando com entusiasmo sereno. As marquises incandescentes e os anúncios luminosos dos cinemas de primeira classe iluminam seu rosto com brilhos vindos do outro lado do beco. Ele tem a aparência de um viajante.*) Estou a ponto de assumir um compromisso com um futuro que não inclui a sapataria nem o Sr. Mendoza e nem mesmo um curso noturno de oratória.

JIM  
Que conversa fiada é essa?

TOM  
Estou cansado de filmes!

JIM  
Filmes!

TOM

Isso mesmo, filmes! Basta olhar para eles! (*Com um gesto dirigido às maravilhas da Grand Avenue.*) Aquela gente

TENNESSEE WILLIAMS

glamorosa tôda na tela... tendo aventuras... se divertindo a granel, se empaturrando das delícias da vida! Sabe o que acontece? Todo mundo pára de viver e começa a viver as histórias que vê nas fitas! Os personagens de Hollywood passam a viver tôdas as aventuras de todo mundo na América, enquanto todo mundo na América está sentado numa sala escura e os observa levarem a vida que os outros não levam! É isso mesmo. Até que estoura uma guerra. Aí então é que a aventura se torna acessível às massas! É a vez de *todo mundo* se divertir e não somente Clark Gable! Então o pessoal sentado na sala escura sai da sala escura para ter algumas aventuras pessoais! "Bacana", hem? Agora é a nossa vez, minha gente, de ir aos Mares do Sul... de fazer um safari na África... de ser exótico, de um país distante!... Mas eu não tenho paciência. Não quero esperar até lá. Estou cansado de ver gente agir nas fitas e breve quem vai agir sou eu!

JIM  
(*Incrêdulosamente*)

Agir?  
TOM

Exatamente.  
JIM

Quando?  
TOM

Muito leve!  
JIM

Onde? Para onde você vai?

(*A música do 3.º tema musical parece responder à pergunta, enquanto TOM medita. Procurando alguma coisa nos bolsos.*)

A MARGEM DA VIDA

TOM

Estou começando a ferver por dentro. Sei que pareço um tipo sonhador mas por dentro... estou fervendo, sabe? Cada vez que eu pego um sapato lá na sapataria, eu tremo, aterrorizado, pensando como a vida é curta e no que eu estou fazendo! A vida, seja o que fôr, não foi feita para vender sapatos... disso estou certo... sapatos só servem para os viajantes usarem! (*Acha o papel que procurava.*) Olhe aqui...

JIM

O que é isso?

TOM

Sou sócio agora.

JIM  
(Lendo)

Sindicato da Marinha Mercante.

TOM

Este mês paguei minha quota em vez da conta da luz.

JIM

Você vai se arrepender, quando cortarem a luz!

TOM

Já estarei longe!

JIM

E sua mãe?

TOM

Sou como meu pai. Um canalha filho de um canalha! Está vendo como êle sorri despreocupado? E êle sumiu há coisa de uns dezesseis anos!

130

TENNESSEE WILLIAMS

JIM

Você só fala, "seu" chato. E que é que sua mãe acha disso tudo?

TOM

Psiu! Mamãe vem vindo! Ela não está a par dos meus planos!

AMANDA

(*Entrando através dos reposteiros*)

Onde é que vocês estão?

TOM

No terraço, mamãe.

(*Eles estão prestes a entrar. Ela se adianta para cumprimentá-los. TOM mostra-se claramente chocado com sua aparência. Até JIM pisca um pouco. É o seu primeiro contacto com a vivacidade juvenil do Sul e apesar de seu curso noturno de oratória êle se sente um tanto desnorteado pela demonstração maciça e inesperada de graças sociais.*)

(*JIM tenta algumas respostas mas são logo varridas pelo riso alegre de AMANDA e pelo seu falatório álaçre. TOM sente-se embaraçado mas, depois do primeiro choque, JIM reage com sincero calor humano. Sorri e ri sonoramente, vê-se que êle está "conquistado" por AMANDA.*)

IMAGEM: Amanda quando mocinha

131

À MARGEM DA VIDA

AMANDA

(Sorrindo com recato, agitando seus cachinhos juvenis)

Sim, senhor, sim, senhor, ora vejam: então este é o famoso Sr. O'Connor! Apresentações se tornam desnecessárias. Já ouvi tanto a seu respeito por parte de meu filho! Finalmente eu lhe disse: Tom — em nome de Deus! — por que você não traz esse modelo de virtudes para jantar conosco? Eu gostaria de conhecer esse seu colega tão simpático da sapataria! Em vez de só ouvir os elogios que você entoa a ele o tempo todo!

Não sei por que meu filho é tão retraído... não é o comportamento de um sulista que se preze!

Vamos nos sentar e — acho que podíamos ter mais ar aqui dentro! Tom, deixe a porta aberta. Senti uma brisa muito fresca há pouco. Para onde terá ido?

Hum; que calor já faz, hem? E ainda nem chegou bem o verão. Acho que vamos torrar quando o verão começar de verdade.

Mas, eu queria lhe dizer, nós vamos jantar... vamos jantar muito leve. O senhor sabe? Eu acho que alimentos leves são melhores para esta época do ano. Assim como usamos roupas leves. Roupas e alimentos leves são o que o calor exige. Nosso sangue fica grosso durante o inverno... levamos um pouco de tempo para nos adaptarmos... quando muda a estação...

Chegou tão depressa este ano! Confesso que não estava preparada. De repente — Deus do céu! — já é verão! Corri para o baú e tirei de dentro este vestido levezinho... É horrivelmente velho! Quase histórico! Mas é tão gostoso, tão gostoso e fresco, o senhor sabe...

TOM

Mamãe...

132

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Que é, meu bem?

TOM

Não acha bom... jantarmos?

AMANDA

Meu bem, vá lá perguntar à sua irmã se o jantar está pronto! Você sabe que sua irmã está inteiramente encarregada do jantar!

Diga-lhe que vocês estão famintos, esperando!

(Para JIM)

O senhor já conheceu Laura?

JIM

Ela...

AMANDA

Abriu a porta? Ah, que bom, então já foram apresentados. É raro realmente que uma mãe tão terna e tão bonita quando Laura seja boa dona de casa também! Mas Laura, graças a Deus, é não só muito bonita como também muito doméstica. Sou o contrário. Nunca tive jeito para casa. Nunca soube preparar nada a não ser bôlo de esponja. Bem, no Sul, nós tínhamos tantos empregados em casa! Agora, já se passou o tempo, já se passou! Foram-se todos os vestígios de uma vida aristocrática... Foram-se completamente! Eu, na realidade, não estava preparada para o destino que o futuro me reservou. Todos os meus cortejadores eram filhos de fazendeiros ricos e naturalmente imaginei que me casaria com um deles e criaria minha família numa propriedade grande, com muitos empregados. Mas o ho-

133

À MARGEM DA VIDA

mem propõe... e a mulher aceita a proposta! Para variar um pouco aquele ditado tão antigo... Resultado: não me casei com um fazendeiro. Casei-me com um homem que trabalhava na Companhia Telefônica! Aquê cavalheiro ali, sorrindo com garbo! (*Aponta para a fotografia.*) Um homem da Telefônica que... se apaixonou pelos lugares distantes de onde vinham os chamados interurbanos! E agora êle viaja mundo afora e eu nem sei onde êle anda! Mas por que estou lhe contando minhas tribulações?

Conte-me as suas... Espero que o senhor não tenha nenhuma!

Tom!

TOM  
(*Voltando*)

Que é, mamãe?

AMANDA

O jantar já está quase pronto?

TOM

Parece que o jantar já está na mesa.

AMANDA

Deixe-me ver um segundo. (*Levanta-se graciosamente e olha através dos reposteiros.*) Oh, que amor! Mas onde está sua irmã?

TOM

Laura não está passando bem e disse que acha melhor ela não vir à mesa.

AMANDA

O quê? Ora, que tolice! Laura! Ó, Laura!

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

(*Fora do palco, com voz fraca*)

Que é, mamãe?

AMANDA

Você tem que vir à mesa, não tem desculpa. Não nos sentaremos até você vir!

Entre, Sr. O'Connor, sem cerimônia. Por favor, sente ali e eu...

Laura! Laura Wingfield!

Estamos esperando por você, queridinha! Não podemos rezar a oração de graças antes de você vir!

(*A porta de trás é empurrada debilmente e LAURA entra. Ela dá sinais óbvios de estar fraquíssima, com os lábios trêmulos, os olhos bem abertos e com o olhar fixo. Dirige-se com passos incertos até à mesa.*)

LEGENDA: "Terror!"

(*Fora, uma tempestade de verão prenuncia-se repentinamente. As cortinas francas, enfunadas, entram pelas janelas adentro. Ouve-se um murmúrio indistinto e tristonho na atmosfera crepuscular de um azul profundo.*)

(*LAURA de repente tropeça, segura-se a uma cadeira com um leve gemido.*)

TOM

Laura!

AMANDA

Laura!

(*Ouve-se o ribombar do trovão.*)

LEGENDA: "Ah!"

(*Com desespero.*)

*A MARGEM DA VIDA*

Mas Laura, você está doente, minha querida! Tom, ajude-me a levar sua irmã para o living, meu filho!

Sente-se no living, Laura — descanse ali no sofá.  
Ora, vejam!

*(Dirigindo-se ao cavalheiro de visita.)*

Essa história de ficar em cima do fogão quente cuidando do jantar foi que lhe fez mal! Eu bem lhe disse que hoje a noite estava quente demais, mas...

*(TOM volta. LAURA está reclinada no sofá.)*

Ela está bem agora?

TOM

Está, sim.

AMANDA

Que barulho é esse? Chuva? Está caindo uma chuvinha refrescante!

*(Olhando para o cavalheiro de visita com uma expressão assustada.)*

Acho que... podemos dar as graças... agora...

*(TOM olha para ela com ar apalermado.)*

Tom, meu filho, faça a oração por nós!

TOM

Ah!...

"Por estas e tôdas as Vossas mercês..."

*TENNESSEE WILLIAMS*

*(Os três baixam a cabeça, AMANDA olhando furtiva e nervosamente para JIM. No living, LAURA, reclinada no sofá, aperta os lábios com a mão para sufocar um soluço convulso.)*

"Seja bendito Vosso Sacro Nome..."

*A cena se obscurece*

## Cena 7

*Um souvenir.*

*Meia hora depois. Estão terminando de jantar na parte detrás do palco, que está oculta por reposteiros fechados.*

*Ao levantar-se a cortina, LAURA está ainda enrolada no sofá, sentada sobre seus pés, com a cabeça descansando numa almofada azul-clara, os olhos bem abertos e misteriosamente vigilantes. O nôvo abajur de pé, com a cobertura de sêda côr-de-rosa esparge um brilho bonito em seu rosto, fazendo ressaltar sua beleza juvenil, frágil e etérea, que geralmente passa despercebida. Ouve-se o ruído constante da chuva, mas decrescendo e chegando a parar logo depois que a cena tem início. O ar lá fora se torna puro e luminoso quando a Lua surge entre as nuvens.*

*Um momento depois de a cortina levantar-se, as luzes de ambos os recintos tremem e se apagam.*

JIM

Ei, que história é essa, D. Lâmpada?

*A MARGEM DA VIDA*

(AMANDA ri nervosamente.)

LEGENDA: "Interrupção de um serviço de utilidade pública"

AMANDA

Onde estava Moisés quando as luzes se apagaram? Ha, ha. Sabe responder esta, Sr. O'Connor?

JIM

Não, senhora, qual é a resposta?

AMANDA

Estava no escuro!

(JIM ri, apreciando a piada.)

Fiquem todos sentados. Vou acender as velas. Que sorte que elas estão aqui na mesa, não é? Onde estão os fósforos? Um dos cavalheiros terá por acaso um fósforo?

JIM

Olhe aqui.

AMANDA

Muito agradecida!

JIM

De nada, minha senhora!

AMANDA

Acho que os fusíveis queimaram. Sr. O'Connor, o senhor sabe ver quando os fusíveis estão queimados? Eu não sei e Tom é uma negação para coisas mecânicas.

140

*TENNESSEE WILLIAMS*

(SOM: Pessoas levantando-se. As vozes retiram-se um pouco para longe, em direção à kitchenette.)

Oh, cuidado para não bater em algum móvel! Não queremos que nossa visita quebre a perna! Seria uma excelente hospitalidade, hem?

JIM

Ha ha!

Onde está a caixa dos fusíveis?

AMANDA

Aqui ao lado do fogão. O senhor consegue enxergar alguma coisa?

JIM

Um momentinho só.

AMANDA

A eletricidade é uma coisa misteriosa, não?

Não foi Benjamin Franklin que amarrou uma chave na linha de um papagaio de papel?

Vivemos num universo tão misterioso, não acha? Algumas pessoas dizem que a ciência esclarece todos os mistérios para nós. Na minha opinião só cria outros! Achou?

JIM

Não, senhora. Todos esses fusíveis parecem em perfeita condição.

AMANDA

Tom!

TOM

Senhora!

141

*A MARGEM DA VIDA*

AMANDA

E a conta da luz que eu lhe dei há dias? A que eu disse que já tínhamos recebido o aviso da Companhia?

LEGENDA: "Ha, ha,!"

TOM

Ah, é mesmo!

AMANDA

Será que você se esqueceu de pagá-la, por acaso?

TOM

Pois eu...

AMANDA

Não pagou! Eu sabia!

JIM

Quem sabe o Shakespeare escreveu um poema nas costas da conta da luz, Sr.<sup>a</sup> Wingfield?

AMANDA

Eu não devia ter confiado uma coisa dessas a você! Paga-se um preço tão alto pela negligência neste mundo!

JIM

Pode ser que o poema ganhe um prêmio de dez dólares.

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Pelo visto, vamos ter que passar o resto da noite em pleno século XIX, antes de o Sr. Edison ter inventado a lâmpada Mazda!

JIM

A luz de que mais gosto é a de velas.

AMANDA

Isso prova que o senhor tem espírito romântico! Mas não desculpa o esquecimento de Tom.

Bem, terminamos o jantar. Foi muito delicado da Companhia de Luz esperar que acabássemos o jantar para nos mergulhar nessa escuridão eterna, não acha Sr. O'Connor?

JIM

Ha, ha!

AMANDA

Tom, como punição para sua negligência você vai me ajudar a lavar os pratos.

JIM

Deixe-me auxiliar também.

AMANDA

Ora, era só o que faltava!

JIM

Devo ter serventia para alguma coisa.

AMANDA

Serventia para alguma coisa? (*Ela assume um tom rapsódico.*)

O Sr.? Ora, Sr. O'Connor, ninguém, mas ninguém mesmo me divertiu tanto nos últimos anos quanto o senhor!

JIM

Ora, não exagere, Sr.<sup>a</sup> Wingfield!

AMANDA

Não estou exagerando nem um pouco! Ah, mas a irmãzinha está lá toda abandonada, sòzinha. Vá fazer-lhe companhia no salão!

Tome, leve êste lindo candelabro antigo que estava há tempos no altar da igreja do Sagrado Repouso. Perdeu um pouco a forma com o incêndio que destruiu a igreja. Um raio atingiu-o em plena primavera. Gypsy Jones estava dirigindo uma concentração religiosa naquela época e insinuou que a igreja foi destruída porque os episcopais costumavam dar festas onde se jogava baralho.

JIM

Ha, ha!

AMANDA

E que tal se o senhor persuadissemos a irmãzinha a tomar um pouco de vinho?

Acho que lhe faria bem! O senhor pode carregar os dois ao mesmo tempo?

JIM

Claro. Sou o super-homem!

AMANDA

É você, Tomás, vista êste avental!

(*A porta da kitchenette se fecha, abafando o riso álaçre de Amanda; a luz trêmula se aproxima dos reposteiros.*)

(*LAURA senta-se, ereta, nervosamente, quando JIM entra. A princípio ela fala baixo, sem fôlego, devido ao esforço quase intolerável de estar sòzinha com um estranho.*)

LEGENDA: "Suponho que você nem se lembra de mim!"

(*No início desta cena, antes de o calor humano de JIM vencer a timidez que a paralisa, LAURA fala a princípio com uma voz fraca e ofegante, como se tivesse acabado de subir correndo uma escada íngreme.*)

(*A atitude de JIM é marcada por um humorismo delicado. No desempenho desta cena deve ficar bem claro que, ao passo que êste incidente do pré-encontro em si é sem importância, para LAURA êle constitui o clímax de sua vida secreta.*)

JIM

Então, como vai, Laura?

LAURA

(*Com voz abafada*)

Bem... (*Pigarreia.*)

JIM

Como está se sentindo? Melhor?

À MARGEM DA VIDA

LAURA

Sim, melhor... obrigada.

JIM

Isto é para você. Um cálice de licorzinho feito em casa.  
(Ele o estende até ela com galanteria excessiva.)

LAURA

Muito obrigada.

JIM

Beba tudo... mas não se embriague, hem?

(Ele ri com gosto. LAURA segura o cálice hesitantemente, ri com timidez.)

Onde ponho as velas?

LAURA

Oh... em qualquer lugar...

JIM

Que tal aqui no chão? Faz objeção?

LAURA

Não.

JIM

Vou espalhar um jornal debaixo para as gôtas que caírem.  
Gosto de sentar no chão. Você se importa?

146

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

Não... ora...

JIM

Quer me dar uma almofada?

LAURA

O quê?

JIM

Uma almofada!

LAURA

Ah!... (Entrega-lhe uma rapidamente.)

JIM

E você? Não gosta de sentar no chão?

LAURA

Eu... eu gosto!

JIM

Por que não senta, então?

LAURA

Está... está bem.

JIM

Pegue uma almofada para você! LAURA obedece. Senta-se do outro lado do candelabro. JIM cruza as pernas e sorri sedutoramente para ela.) Mal posso ver você sentada assim tão longe!...

147

A MARGEM DA VIDA

LAURA

Eu... estou vendo bem você

JIM

Eu sei, mas não é justo, estou no foco da luz. (LAURA coloca a almofada mais próximo de JIM.) Isso! Agora sim, estou vendo você. Está cômoda?

LAURA

Estou.

JIM

Eu também. Cômodo feito uma vaca! Quer mastigar chicletes?

LAURA

Não, obrigada.

JIM

Bem, vou tomar a liberdade, com sua permissão. (Desembrulha o chiclete com expressão meditativa e o ergue contra a luz.) Já pensou na fortuna que fez o sujeito que inventou o primeiro pedaço de chiclete? Espantoso, hem? O Edifício Wrigley é uma das vistas mais imponentes de Chicago. Fui vê-lo no verão do ano atrasado quando fui visitar a Exposição do Século do Progresso. Você viu a Exposição?

LAURA

Não, não vi.

JIM

Foi uma exposição e tanto! Mas o que mais me impressionou foi o Pavilhão das Ciências. Dava uma idéia do que será

TENNESSEE WILLIAMS

o futuro nos Estados Unidos, mais fantástico ainda do que o presente! (Pausa. Sorrindo para ela:) Seu irmão me disse que você é acanhada. É verdade, Laura?

LAURA

Eu... eu não sei.

JIM

Na minha opinião, acho que você é o tipo da moça antiquada. Bem, acho que é um tipo muito bom de se ser! Espero que você não esteja me achando indiscreto, está?

LAURA

(Rapidamente, premida pelo embargo)

Acho que vou aceitar um pedaço de chicletes, se você... não se importar. (Pigarreando.) Sr. O'Connor... você continuou com o canto?

JIM

Canto? Eu?

AMANDA

Sim, me lembro da voz linda que você tinha.

JIM

Quando você me ouviu cantar?

(Voz fora do palco durante a pausa)

VOZ

(Cavando fora do palco)

O blow, ye winds, heigh ho!

A-roving I will go!

I'm off to my love

With a boxing glove...

Ten thousand miles away!

*A MARGEM DA VIDA*

JIM

Você disse que já me ouviu cantar?

LAURA

Já, muitas vezes! Suponho que... você não se lembra nada de mim?

JIM

*(Sorrindo, em dívida)*

Sabe? Tenho uma vaga idéia de tê-la visto antes. Isso me ocorreu logo que você abriu a porta. Parecia até que eu estava para me lembrar de seu nome. Mas o nome com que eu ia chamá-la... não era bem um nome! Por isso parei antes de pronunciá-lo.

LAURA

Não era... rosas azuis?

JIM

*(Com um movimento súbito. Sorri satisfeito.)*

Rosas azuis! Caramba, é isso mesmo! Rosas azuis!

Era isso que estava na ponta da minha língua quando você abriu a porta!

É engraçado como a memória nos prega peças, hem? Não liguei você com os tempos do ginásio, não sei por quê.

Mas foi lá, sim, foi no ginásio. Ora, eu nem sabia que você era irmã do Shakespeare!

Puxa, desculpe, viu?

LAURA

Eu não esperava que você se lembrasse. Você... mal me conhecia!

*TENNESSEE WILLIAMS*

JIM

Mas nós nos falamos algumas vezes, não?

LAURA

Falamos sim, algumas vezes.

JIM

Quando você me reconheceu?

LAURA

Oh, imediatamente!

JIM

Assim que eu entrei?

LAURA

Quando ouvi seu nome pensei que provavelmente seria a mesma pessoa.

Eu sabia que Tom conhecia um pouco você lá do ginásio. Por isso, quando você apareceu ali na porta...

Bem, então eu tive a certeza.

JIM

E por que você não disse nada?

LAURA

*(Sem fôlego)*

Eu não sabia o que dizer! Eu estava... tão surpresa!

JIM

Ora, sim senhor? Que engraçado, não é?

À MARGEM DA VIDA

LAURA

É... não é mesmo?

JIM

Nós não éramos colegas de um curso qualquer?

LAURA

Éramos.

JIM

Era aula de quê?

LAURA

De... de canto! Estávamos no cântico do colégio!

JIM

Ah, é?

LAURA

Nós nos sentávamos cada um de um lado no Auditório.

JIM

Ah, é?

LAURA

Segundas, quartas e sextas.

JIM

Ah, agora me lembro: você sempre chegava atrasada.

LAURA

Chegava sim: era tão difícil para mim subir as escadas. Usava aquele aparelho na perna... e fazia um barulho pavoroso!

152

TENNESSEE WILLIAMS

JIM

Não ouvi barulho algum.

LAURA

*(Recuando diante da reminiscência)*

A meus ouvidos soava... como um trovão!

JIM

Não me diga! E nunca notei nada.

LAURA

E todo mundo já estava sentado quando eu entrava. Tinha que passar em frente daquela gente toda. Meu lugar era na fila detrás. Tinha que subir as escadas inteiras com o barulhão do aparelho. E com todo o mundo me olhando!

JIM

Ora, você não devia se preocupar tanto!

LAURA

Sei, mas não adiantava. Eu respirava aliviada quando começava a cantar.

JIM

Ah, agora sim, que me recordo! Eu costumava chamá-la de rosas azuis. Por que foi que eu lhe pus esse apelido?

153

*A MARGEM DA VIDA*

LAURA

Eu estive adoentada um tempo com pleurisia e fui para fora. Quando eu voltei às aulas você me perguntou o que eu tinha tido. Eu respondi que tinha tido estado em Rochosas Azuis e você entendeu *rosas azuis*. E daí em diante você só me chamou assim!

JIM

Espero que você não tenha ficado aborrecida.

LAURA

Oh, que nada! Eu... gostava. Você sabe? Eu... não me dava com muita gente...

JIM

Eu me lembro que você era do tipo calado, solitária...

LAURA

Eu... eu nunca tive muita sorte... em fazer amigos.

JIM

Não vejo por quê.

LAURA

Bem, eu... realmente... comecei mal.

JIM

Por ser...

154

*TENNESSEE WILLIAMS*

LAURA

Sim... Era um obstáculo que se erguia entre mim e...

JIM

Você devia lutar!

LAURA

Pois é, mas não adiantava... depois...

JIM

Você era tímida com as pessoas!

LAURA

Bem que eu tentei mudar, mas não consegui nunca...

JIM

Vencer a timidez?

LAURA

Nunca, não consegui nunca!

JIM

Acho que a gente só vence a timidez aos poucos...

LAURA  
(Com tristeza)

É sim, acho que...

JIM

Demora!

155

À MARGEM DA VIDA

LAURA

É...

JIM

Mas as pessoas não são tão ruins quando a gente as conhece. Disso é que você precisa se lembrar! E todo mundo tem problemas, não é só você, mas praticamente todo mundo tem problemas.

Você pensa que você é a única que tem problema, a única que sofre desilusões. Mas basta olhar em volta e verá muita gente boa tão desiludida quanto você. Por exemplo, era meu desejo, quando eu freqüentava o ginásio, estar muito mais adiante na minha carreira hoje do que estou agora, depois de seis anos... Você se lembra daquele artigo elogioso que publicaram no jornal do colégio, no *Torch*, a meu respeito?

LAURA

Lembro-me sim! *(Ela se levanta e vai até à mesa.)*

JIM

Diziam que eu teria sucesso em qualquer carreira que abraçasse! *(LAURA volta com o álbum do colégio.)* Não brinca! *(Jornal do colégio.)* *(Ele o segura com reverência.)* LAURA e JIM sorriem, vendo o álbum, com espanto mútuo. LAURA senta-se ao lado dele e ambos começam a folheá-lo. A timidez de LAURA se está dissolvendo ao contacto do calor humano de JIM.)

LAURA

— Olhe aqui você em *Os Piratas de Penzâncio!*

156

TENNESSEE WILLIAMS

JIM

*(Entregue às suas reminiscências)*

Cantei o papel principal, de barítono, naquela opereta.

LAURA  
*(Extasiada)*

E cantou... *maravilhosamente!*

JIM  
*(Protestando)*

Ora...

LAURA

Foi sim, maravilhosamente, um deslumbramento!

JIM

Você me ouviu?

LAURA

Tôdas três vêzes!

JIM

Não!

LAURA

Ouvi!

JIM

Tôdas as três representações?

LAURA  
*(Olhando para o chão)*

Tôdas.

JIM

Por quê?

157

*A MARGEM DA VIDA*

LAURA

Eu... queria pedir... para você autografar meu programa...

JIM

E por que não me pediu?

LAURA

Você estava sempre rodeado de seus amigos, tanto que nunca tive oportunidade de me aproximar.

JIM

Ora, bastava você...

LAURA

Bem, fiquei com medo que você pensasse que eu...

JIM

Que eu pensasse que você... o quê?

LAURA

Oh...

JIM

*(Recordando com delícia)*

Eu estava cercado de fãs à beça naqueles tempos...

LAURA

É sim, você era popularíssimo!

158

*TENNESSEE WILLIAMS*

JIM

Se era...

LAURA

Você tinha um jeito assim... simpático...

JIM

Sabe de uma coisa? Mimaram-me demais no ginásio!

LAURA

Todo mundo... gostava de você!

JIM

Inclusive você?

LAURA

Eu, sim... eu também... *(Ela delicadamente fecha o livro sobre o colo.)*

JIM

Ora, contando ninguém acredita, hem? Dê-me o programa, Laura. *(Ela o entrega a ele, que o assina rebuscadamente.)* Pronto, antes tarde do que nunca!

LAURA

Oh, eu... que surpresa!

JIM

Agora minha assinatura não vale muito.  
Mas algum dia — talvez — aumentará de valor!  
Estar desapontado é uma coisa e estar desanimado é outra.  
Eu estou desapontado mas não desanimado.  
Tenho 23 anos.  
Que idade você tem?

159

*À MARGEM DA VIDA*

LAURA

Vou fazer vinte e quatro em junho.

JIM

Você não é velha!

LAURA

Não sou, mas...

JIM

Você terminou o ginásio?

LAURA

*(Com dificuldade)*

Não voltei nunca mais lá.

JIM

Quer dizer: abandonou tudo?

LAURA

Tirei notas ruins nos exames finais. *(Ela se levanta e coloca o álbum e o programa no lugar.)* Como vai... a Emily Meisenbach?

JIM

Aquela cabeça de chucrute?

LAURA

Por que você a chama assim?

160

*TENNESSEE WILLIAMS*

JIM

É o que ela é!

LAURA

Você não está mais... não é mais namorado dela?

JIM

Não a vejo nunca.

LAURA

Mas na parte social do álbum diziam... que vocês estavam — noivos!

JIM

Sei, mas não me deixei impressionar por essa... propaganda!

LAURA

Então não era... verdade?

JIM

Só na opinião otimista da Emily!

LAURA

Oh!...

LEGENDA: "O que você têm feito depois do colégio?"

*(JIM acende um cigarro e se recosta indolentemente apoiado nos cotovelos, sorrindo para LAURA com um calor humano e um charme, que ilumina por dentro com velas de altar. Ela fica junto à mesa*

161

A MARGEM DA VIDA

*e revira em suas mãos um animalzinho de sua coleção para disfarçar seu rebuliço interior.)*

JIM

*(Depois de várias baforadas pensativas)*

O que você tem feito depois que acabou o ginásio? *(Ela não parece ouvi-lo.)* Hem? *(LAURA olha para êle.)* Perguntei o que você tem feito depois do ginásio, Laura?

LAURA

Ah, nada de importante.

JIM

Você deve ter feito alguma coisa durante êstes 6 anos!

LAURA

Fiz...

JIM

Bem, o quê, por exemplo?

LAURA

Entrei para um curso comercial numa escola de comércio...

JIM

E que tal o resultado?

LAURA

Bem, não foi muito bom... tive que desistir, porque... me dava indigestão.

*(JIM ri de maneira compreensiva.)*

TENNESSEE WILLIAMS

JIM

E atualmente, o que você está fazendo?

LAURA

Ah, não faço... muita coisa. Oh, não pense que fico sem fazer nada o dia todo! Minha coleção de vidro, por exemplo, toma um bocado de tempo. Vidro é coisa que exige muito cuidado.

JIM

O que você disse... sobre vidro?

LAURA

A coleção... a minha, quero dizer... *(Ela pigarreja e vira-se para o lado novamente, profundamente tímida.)*

JIM

*(Abruptamente)*

Você sabe o que é que eu acho que está errado com você?

Seu complexo de inferioridade! Sabe o que é isso? É o nome que dão para aqueles que confiam pouco em si mesmos.

Compreendo isso muito bem, porque também já sofri disso. Embora no meu caso não fôsse tão grave como o seu parece ser. Eu tinha isso até freqüentar o curso de oratória. Desenvolvi minha voz e soube que tinha aptidão para as ciências. Antes, eu pensava que era uma pessoa sem qualquer qualidade extraordinária, em qualquer campo!

Bem, é verdade que nunca estudei o assunto a fundo, mas tenho um amigo que diz que sou capaz de analisar as

peessoas melhor do que os médicos que ganham a vida com isso. Não posso dizer que seja cem por cento verdade, mas tenho um dom para adivinhar a psicologia de uma pessoa, Laura. (*Retira o chiclete da boca.*) Desculpe. Sempre retiro o chiclete depois que perde o sabor. Posso usar este pedaço de papel para embrulhá-lo? É horrível quando fica prêso no sapato, não é?

Pois é isso... êsse é que é, na minha opinião, seu principal problema. Falta de confiança em si mesma como indivíduo. Você não tem a confiança que deveria ter em si mesma. Estou baseando esta afirmação numa série de observações que você fez e em coisas que reparei. Por exemplo, o barulho do seu aparelho que você pensava que fôsse tão horroroso no ginásio. Você disse que tinha até pavor de entrar na classe. E viu o que aconteceu? Deixou o colégio, abandonou sua instrução por causa de um ruído à-toa, que eu saiba era praticamente inexistente! Um defeito físico mínimo é o que você tem. Quase imperceptível. Mas que a sua imaginação aumentou milhares de vêzes! Sabe qual é o conselho sério que tenho para lhe dar? Pense que você é *superior* aos outros, em alguma coisa!

LAURA

Em quê, por exemplo?

JIM

Ora, bolas, Laura! Basta você olhar em tôrno de você! O que é que vê? Um mundo formado por gente igual uns aos outros. Todos nasceram um dia e todos terão que morrer um dia!

Quem, entre êsses milhões, tem um décimo de suas qualidades? Ou das minhas? Ou de qualquer outra pessoa, para dizer a verdade? Puxa, vida! Cada pessoa tem uma qualidade que sobressai das outras. Algumas têm até várias!

(*Inconscientemente êle se olha no espelho.*)

Você só tem que descobrir *em que* você é superior!  
Veja o meu caso, por exemplo.

(*Êle ajusta a gravata olhando-se ao espelho.*)

Meu interêsse, por acaso, é pela eletrodinâmica, assim como poderia ser por outra coisa qualquer. Estou freqüentando um curso noturno de radiotécnico. Laura, além de arcar com um emprêgo de muita responsabilidade no depósito, estou com êsse curso e estudo também oratória.

LAURA

O quê!

JIM

Porque eu creio no futuro da televisão!

(*Voltando-se para ela.*)

Quero estar pronto para seguir o sucesso que ela terá. Por isso estou planejando a subida desde o andar térreo. Aliás, já fiz uns bons contatos e só o que falta é a indústria tocar para a frente! A todo vapor!

(*Visionário.*)

Conhecimento — zppp! Dinheiro-zuppp — Poderio!  
Êsse é o ciclo sôbre o qual se ergue a Democracia!

(*Sua atitude é de um dinamismo convincente. LAURA o olha fixamente, até sua timidez está eclipsada pela sua admiração absoluta por JIM. De repente êle sorri calorosamente.*)

Aposto que você está pensando que eu me acho o máximo!

LAURA

Nããão... eu até...

JIM

E você? Não existe alguma coisa que lhe desperta mais interesse do que tudo no mundo?

LAURA

Sim, realmente, como eu disse... a minha coleção de vidro...

*(Ouve-se uma sonora gargalhada juvenil feminina provinda da cozinha.)*

JIM

Não sei bem do que você está falando.  
Que tipo de vidro?

LAURA

Peças, ornamentos na maioria!

A maioria é de animaizinhos feitos de vidro, os bichinhos menores do mundo inteiro. Mamãe os chama de meu zoológico de vidro!

Olhe aqui um exemplar, se quiser ver!  
Este é um dos mais antigos. Já tem treze anos, quase.

*(MÚSICA: O Zoológico de vidro)*  
*(Ele r... de a mão.)*

Oh, cuidado! — basta se respirar mais forte e ele se rompe!

JIM

Então é melhor eu não pegar. Sou muito desajeitado com as coisas.

LAURA

Não, pegue, eu o confio a você!

*(Coloca-o na palma da mão dele.)*

Viu? Você está segurando com cuidado!  
Veja-o contra a luz, ele adora a luz! Está vendo ~~como~~ a luz brilha através dele?

JIM

Puxa, brilha um bocado!

LAURA

Eu devia ser imparcial, mas êste é meu favorito.

JIM

Que bicho êle representa?

LAURA

Você não notou o chifre único na testa?

JIM

Ah, um unicórnio, hem?

LAURA

Hum-hum!...

JIM

Unicórnios... mas êles não estão extintos no mundo moderno?

*A MARGEM DA VIDA*

LAURA

Sei que estão!

JIM

Coitado, deve se sentir um tanto solitário, hem?

LAURA  
(Sorrindo)

Bem, pelo menos ele não se queixa. Fica na mesma prateleira com os cavalos sem chifres e todos parecem se dar muito bem juntos.

JIM

Como você sabe?

LAURA  
(Despreocupada)

Nunca ouvi brigarem!

JIM  
(Sorrindo)

Não brigam, hem? Bem, isso é bom sinal!  
Onde o ponho?

LAURA

Pode pô-lo em cima da mesa. Todos gostam de vez em quando de mudar de ambiente

JIM  
(Espreguiçando-se)

Ora, quem diria, hem? Sim, senhora!  
Olhe como minha sombra fica enorme quando eu me espreguiço!

*TENNESSEE WILLIAMS*

LAURA

Oh, é mesmo! Vai até o teto!

JIM  
(Caminhando para a porta)

Acho que parou de chover. (Abre a porta da escada de incêndio.)

De onde é que vem a música?

LAURA

Do Salão de Danças Paraíso, em frente.

JIM

E que tal nós arrastarmos o pé um pouco, hem, Sr.<sup>ta</sup> Wingfield?

LAURA

Oh, eu...

JIM

Ou seu *carpet* já está completo? Deixe-me ver. (Segura um *carpet* imaginário.) Ué, tôdas as danças já estão prometidas. <sup>14</sup> Vi que vou ter que riscar uns nomes! (MÚSICA DE VALS.: *La Golondrina*) Ahhh! uma valsa! (Ele dá umas voltas vistosas, sozinho, e depois estende os braços para LAURA.)

LAURA  
(Ofegante)

Mas eu... não sei dançar!

*A MARGEM DA VIDA*

JIM

Lá vem você de novo com essa história do complexo!

LAURA

Mas nunca dancei na minha vida!

JIM

Ora, venha, tente!

LAURA

Oh, mas posso pisá-lo...

JIM

Não há perigo, não sou de vidro.

LAURA

Como... é que... começamos?

JIM

Deixe isso comigo. Você só estenda um pouco os braços.

LAURA

A... assim?

JIM

Um pouco mais alto. Isso! Agora não fique toda dura, isso é o mais importante: não fique tensa!

LAURA

*(Rindo sem fôlego)*

É difícil...

*TENNESSEE WILLIAMS*

JIM

*Okay!*

LAURA

Acho que você não consegue me fazer sair do lugar.

JIM

Quanto quer apostar que consigo? *(Ele a faz mover-se, com um gesto vigoroso.)*

LAURA

Meu Deus, é mesmo!

JIM

Entregue-se, Laura, não faça esforço nenhum.

LAURA

Estou...

JIM

Vamos!

LAURA

Tentando!

JIM

Não fique dura... devagar, devagar!

LAURA

Sei, mas eu...

JIM

Amoleça o corpo! Assim! Agora está muito melhor!

LAURA

Estou mesmo?

À MARGEM DA VIDA

JIM

Muito, muito melhor! *(Ele a conduz pela sala dançando uma valsa um tanto desajeitada.)*

LAURA

Meu Deus!

JIM

Ha, ha!

LAURA

Nossa Senhora!

JIM

Ha, ha, ha! *(De repente chocam-se contra a mesa. JIM pára.)* Contra que nós batemos?

LAURA

Contra a mesa.

JIM

Caiu alguma coisa? Acho...

LAURA

Caiu.

JIM

Espero que não tenha sido o ca atinho com o chifre!

LAURA

Foi êle.

JIM

Oh, ai, ai, ai! Quebrou?

172

TENNESSEE WILLIAMS

LAURA

Agora é igual a todos os outros cavalos.

JIM

Perdeu o...

LAURA

O chifre!

Não faz mal! Quem sabe é uma bênção disfarçada?...

JIM

Você nunca me perdoará! Aposto que era seu bichinho favorito!

LAURA

Não tenho muito disso, de favoritos. Não é nenhuma tragédia, bobagem.

Vidro quebra à toa! por mais cuidado que a gente tome!  
O tráfego da rua faz as prateleiras vibrarem e os objetos caem.

JIM

Mesmo assim, sinto muito, sinceramente, que eu fôsse a causa...

LAURA

*(Sorrindo)*

Farei de conta que êle foi operado.

Tiraram-lhe o chifre para êle ficar menos... monstruoso!

*(Ambos riem.)*

Agora êle vai se sentir mais à vontade com os outros cavalos, os que não têm chifres...

173

*A MARGEM DA VIDA*

JIM

Ha, ha! Que engraçado!

*(Repentinamente sério.)*

Fico contente em ver que você tem senso de humor!  
Sabe de uma coisa? Você... é... como direi? diferen-  
te...

Surpreendentemente diferente de qualquer outra pessoa  
que conheço!

*(Sua voz se torna terna e hesitante, com emo-  
ção genuína.)*

Você se incomoda de eu lhe dizer isso?

*(LAURA está confusa a ponto de perder a fala.)*

Quero dizer diferente de uma maneira agradável.

*(LAURA acena com a cabeça que sim, timida-  
mente, olhando para o lado.)*

Você me faz sentir como se... nem sei como dizer!  
Geralmente, tenho muita facilidade em expressar-me  
mas...

O que eu sinto agora realmente não sei expressar!

*(LAURA toca a própria garganta e pigarreja  
— vira o unicórnio quebrado entre seus dedos.)*

*(Com voz ainda mais terna.)*

Alguém já lhe disse alguma vez que você é bonita?

*TENNESSEE WILLIAMS*

*(Pausa: Música)*

*(LAURA ergue o rosto lentamente, admirada e  
depois sacode a cabeça.)*

Pois você é! De maneira muito diferente de tôdas as  
outras pessoas.

E essa diferença é toda a seu favor!

*(Sua voz se torna baixa e rouca, LAURA vira-  
lhe as costas, quase desmaiando sob o impacto de  
suas emoções inéditas.)*

Eu quisera que você fôsse minha irmã. Eu lhe ensinaria  
logo a ter confiança em si mesma. As pessoas diferentes não  
são como as outras, mas ser diferente não é vergonha para  
ninguém. Porque afinal as outras pessoas não são assim tão  
formidáveis! São iguais a milhares e milhares, mas você é uma  
entre mil, é a única! Os outros perambulam pela Terra inteira,  
você não sai daqui. Eles existem aos montes, como erva dani-  
nha, mas você... bem, você é rosas azuis!

IMAGEM NA TELA: "Rosas azuis"  
*(A música muda)*

LAURA

Mas... não existem rosas azuis!

JIM

No seu caso, existem! Você é bonita!

LAURA

De que forma sou bonita?

À MARGEM DA VIDA

JIM

De tôdas! Acredite! Seus olhos... seu cabelo... são lindos! Suas mãos também!

(Ele segura a mão dela.)

Você deverá estar pensando que estou fingindo tudo isso porque fui convidado para jantar e tenho que ser agradável. Isso até que seria fácil de fazer! Eu podia representar o tempo todo diante de você, Laura, fazer muitos elogios sem sinceridade nenhuma. Mas desta vez estou falando sério. Estou falando com você sinceramente. Notei, por acaso, que você tem esse complexo de inferioridade que a impede de se sentir à vontade na presença de estranhos. Alguém tem que reforçar sua confiança em si mesma e torná-la orgulhosa de si mesma em vez de ternamente acanhada, esquiva... corando por qualquer coisa...

Alguém devia é... de...

Devia é de... beijá-la, Laura!

(A mão dêle desliza lentamente pelo braço dela em direção ao ombro.)

(A música aumenta tumultuosamente)

(De repente êle a faz virar-se e a beija nos lábios.)

(Quando êle a solta de seu braço, LAURA afunda no sofá com uma expressão mesclada de espanto e de deslumbramento.)

(JIM recua e procura nos bolsos um cigarro.)

(LEGENDA NA TELA: "Souvenir")

Eu sou um trapalhão!

(Acende um cigarro, evitando o olhar de LAURA)

(Ouve-se uma sonora gargalhada juvenil de AMANDA na kitchenette.)

TENNESSEE WILLIAMS

(LAURA lentamente se levanta e abre a mão, que ainda contém o animalzinho de vidro partido. Ela o contempla com uma expressão terna e confusa.)

Trapalhão!

Eu não devia ter feito isso! Foi uma loucura como outra qualquer!

Você não fuma, não é?

(Ela olha para êle, sorrindo, sem ouvir a pergunta. Êle se senta a seu lado um tanto cautelosamente. Ela olha para êle silenciosamente — à espera.)

(Êle tosse decorosamente e se afasta um pouco dela, ao examinar a situação, e intui as emoções de LAURA obscuramente, sem perturbar-se.)

(Com ternura.)

Você quer... um drops de hortelã?

(Ela não parece ouvi-lo mas seu olhar se torna ainda mais brilhante.)

É de menta... Life-Saver...

Meu bôlso é uma verdadeira confeitaria... A todos os lugares que eu vou...

(Ele joga um drops na boca. Em seguida engole em seco e decide falar claro de uma vez. Fala lenta e cautelosamente.)

Laura, você sabe, se eu tivesse uma irmã como você, eu procederia exatamente como o Tom. Convidaria amigos meus... para apresentá-los a você. Rapazes escolhidos... à altura de apreciá-la.

Mas no meu caso... bem, êle se enganou a meu respeito. Talvez eu não tenha motivo para dizer isto. Talvez não tenha sido essa a intenção ao convidarem-me aqui. Mas se tiver sido?

Não tem nada de mais. A única dificuldade é que no meu caso... eu não estou absolutamente em condições... de proceder como se deve.

Não posso anotar seu número de telefone e prometer que vou telefonar-lhe. Não posso chamá-la a semana que vem e... marcar um encontro.

Pensei que era melhor eu explicar logo a situação no caso de você compreender mal minha maneira de agir... e se sentisse ferida com isso... (Pausa.)

*(Lenta, muito lentamente, a expressão de LAURA muda, seus olhos vagarosamente olham primeiro para êle e depois para o ornamento que ainda tem na mão.)*

*(AMANDA ri ainda sonoramente na cozinha.)*

LAURA

*(Com um fio de voz)*

Você... não me visitará mais?

JIM

Não, Laura, não posso.

*(Levanta-se do sofá.)*

Como eu estava explicando, eu... estou amarrado.

Laura, eu... estou de namôro firme!

Saio todo santo dia com uma môça chamada Betty. É uma môça caseira, como você, católica, filha de irlandeses. Nós... nós damos muito bem mesmo...

Eu a conheci no verão passado, num passeio de barco, à luz do luar, subindo o Rio Alton, a bordo do *Majestic*...

Bem e logo no princípio, fulminante... foi amor à primeira vista!

LEGENDA: "Amor!"

*(LAURA baqueia ligeiramente para a frente e segura-se ao braço do sofá.)*

*Êle não nota êsse gesto, prêso à sua comodidade estática.)*

• Desde que estou amando sou um homem nôvo, sabe?

*(Inclinando-se rigidamente para a frente, agarrando-se ao braço do sofá, LAURA debate-se visivelmente em meio à tempestade pessoal que a assalta. Mas JIM olvidou-se dela, para êle ela está a quilômetros de distância.)*

O poder do amor é uma coisa fantástica!

O amor é uma coisa... que muda o mundo todo, Laura!

*(A tempestade amaina um pouco e LAURA se recosta no sofá. Êle então nota sua presença novamente.)*

Aconteceu que a t. de Betty ficou doente, ela recebeu um telegrama e teve que viajar para Centrália. Por isso, quando o Tom... quando êle me convidou para jantar... eu, naturalmente, aceitei o convite, sem saber que você... que êle... que eu...

*(Pára, gauche.)*

Humm... eu sou um trapalhão mesmo!

À MARGEM DA VIDA

(Afunda novamente no sofá.)

(As velas votivas no altar do rosto de LAURA foram sopradas. Ela denota uma expressão de quase infinita desolação.)

(JIM a contempla inquieto.)

Eu quisera... que você dissesse alguma coisa, Laura!  
(Ela morde os lábios, trêmula e, corajosamente, consegue sorrir. Abre a mão novamente que continha o ornamento de vidro partido. Então, suavemente, toma a mão de JIM e a alça ao nível da sua. Cuidadosamente, coloca o unicórnio na palma da mão dele, fechando-lhe os dedos sobre o bibelô.)  
Por que você... está fazendo isso? Quer que eu fique com ele? Laura! (Ela acena que sim com a cabeça.) Para quê?

LAURA

Uma — lembrança...

(Ela se levanta, insegura, e se curva ao lado da vitrola para dar-lhe corda.)

LEGENDA NA TELA: "As coisas têm uma tendência para acabar mal!" OU A IMAGEM: "O cavalheiro de visita acena adeus... com brio!"

(Nesse momento AMANDA entra, afobada e risonha, na sala da frente. Traz uma jarra de ponche de fruta, uma jarra antiquada de cristal e um prato de petis-fours. O prato tem a borda dourada e papoulas pintadas.)

AMANDA

Pois ora muito bem! A temperatura está delicada depois do chuvisco, não?

180

TENNESSEE WILLIAMS

Fiz para a mocidade um refresquinho.

(Voltando-se alegremente para o cavalheiro de visita.)

Jim, você conhece aquela canção da limonada?

Limonada, limonada,  
Feita com açúcar e água fria  
Serve pra qualquer môça  
Que ficou para titia!

JIM

(Pouco à vontade)

Ha, ha! Não, nunca ouvi antes...

AMANDA

Ué, Laura! Você está tão séria!

LAURA

Estávamos tendo uma conversa séria!

AMANDA

Muito bem! Agora vocês se conhecem melhor!

JIM

(Inseguro)

Ha, ha! É isso mesmo.

AMANDA

Vocês, jovens de hoje, são de índole muito mais séria do que a minha geração. Eu era tão alegre quando era mocinha!

181

*A MARGEM DA VIDA*

JIM

A senhora não mudou nada, Sr.<sup>a</sup> Wingfield.

AMANDA

Esta noite sinto-me rejuvenescida! É a alegria dêste acontecimento, Sr. O'Connor!

*(Ela atira a cabeça para trás, rindo com gôsto. Derrama um pouco de limonada.)*

Ohhh! Estou me batizando de nôvo!

JIM

Deixe que eu...

AMANDA

*(Colocando a jarra sôbre a mesa)*

Pronto! Descobri que tínhamos cerejas em marasquino. E misturei com a limonada, com suco e tudo!

JIM

Não precisava ter tanto trabalho, Sr.<sup>a</sup> Wingfield!

AMANDA

Trabalho? Trabalho? Que nada, eu me distraí um bocadinho! Não me ouviram brigando lá na cozinha?

Aposto que suas orelhas estavam ardendo, hem? Eu disse ao Tom que estava muito aborrecida com êle por não nos ter apresentado o senhor antes. Êle devia ter convidado o senhor para vir a nossa casa muito antes, mas muito antes mesmo! Bem, agora que o senhor já aprendeu o caminho, espero que venha com freqüência! Não de vez em quando, mas sempre, a qualquer hora.

*TENNESSEE WILLIAMS*

Oh, nós vamos nos divertir tanto juntos! Parece até que estou vendo!

Humm! Inspire êsse ar maravilhoso! Tão fresco e a Lua está tão linda lá fora!

Vou dar uma escapadinha para os fundos... conheço meu lugar quando os jovens estão — conversando a sério!

JIM

Oh, por favor não saia, Sr.<sup>a</sup> Wingfield. O fato é que eu já tenho que ir andando.

AMANDA

Ir, já? Ora, que brincadeira! Pois se a noite mal começou, Sr. O'Connor!

JIM

Pois é, mas a senhora sabe como são as coisas.

AMANDA

O senhor quer dizer: tem que trabalhar cedo e tem que ter uma disciplina férrea?

Bem, por esta noite deixar o senhor ir. Mas sob a condição de que da próxima vez o senhor demorará mais.

Que dia é melhor para o senhor? A noite de sábado não é a melhor de tôdas para quem trabalha?

JIM

Eu na verdade tenho dois relógios de ponto que assinar, Sr.<sup>a</sup> Wingfield! Um de manhã e outro à noite.

*À MARGEM DA VIDA*

AMANDA

Puxa, o senhor é *ambicioso*, hem? Trabalha à noite também?

JIM

Não, senhora, não trabalho, mas tenho que me encontrar... com a Betty! (*Ele atravessa a sala deliberadamente para pegar o chapéu. A orquestra do Salão de Danças Paraíso passa a tocar uma valsa terna.*)

AMANDA

Betty? Betty? Quem é... Betty?

(*Ouve-se um som aziago, no alto, como se o teto estivesse se partindo.*)

JIM

Ah, é uma môça qualquer, a môça de quem sou noivo, só isso! (*Ele sorri sedutoramente. O teto cai.*)

LEGENDA: "O teto cai"

AMANDA

(*Respirando fundo*)

Ohhh... É um romance sério, Sr. O'Connor?

JIM

Vamos nos casar no segundo domingo de junho próximo.

184

*TENNESSEE WILLIAMS*

AMANDA

Ohhh... que bom!

Mas o Tom não disse nada que o senhor estava noivo!

JIM

Bem, eu ainda não abri meu jôgo lá no depósito.

A senhora sabe como são os colegas, começam logo com brincadeiras, chamando a gente de Romeu e outras coisas.

(*Ele pára diante do espelho oval para colocar o chapéu. Cuidadosamente ajusta a aba e a parte superior para dar ao chapéu um efeito discretamente arrasador.*)

Foi uma noite maravilhosa, Sr.<sup>a</sup> Wingfield. Acho que foi um exemplo do que se chama verdadeira hospitalidade sulista.

AMANDA

Ora, não foi nada!

JIM

Espero não dar a impressão de sair correndo. Mas eu prometi a Betty que ia buscá-la na estação em Wabash e até eu conseguir meu calhambeque chegar lá, o trem já estará chegando. Algumas mulheres ficam furiosas se têm que esperar um pouco.

AMANDA

Eu sei... a tirania feminina!

(*Estendendo-lhe a mão.*)

185

A MARGEM DA VIDA

TOM

O que há de estranho nisso?

AMANDA

Você não disse que ele era o seu melhor amigo lá na sapataria?

TOM

E é, mas como é que eu ia saber?

AMANDA

Parece extremamente esquisito que você não soubesse que seu melhor amigo estava para se casar!

TOM

A sapataria é o lugar onde eu trabalho, mamãe, e não onde me contam a vida alheia.

AMANDA

Você nunca sabe de nada! Você vive num mundo de sonhos, fabricando ilusões!

*(Ele atravessa a sala em direção à porta.)*

Aonde é que você vai?

TOM

Vou ao cinema.

188

TENNESSEE WILLIAMS

AMANDA

Faz muito bem, depois que já nos fêz passar por idiotas! Os esforços, os preparativos, a despesa tôda! O abajur nôvo, o tapête, as roupas de Laura! Tudo isso para quê? Para receber o noivo de outra môça!

Vá ao cinema, vá! Não pense em nós, sua mãe abandonada, sua irmã solteirona que é aleijada e não tem emprêgo! Não deixe que nada interfira nos seus prazeres egoístas!

Vá logo, vá, vá, vá ao cinema!

TOM

Está bem, vou mesmo! Quanto mais você solta impropérios contra o meu egoísmo mais depressa eu vou-me embora, e não é para o cinema, não, senhora!

AMANDA

Pois vá. Pode ir até à Lua... "seu" sonhador egoísta!

*(TOM joga o copo ao solo. Sai correndo pela escada de incêndio, batendo a porta com estrondo. LAURA grita, mas seu grito é abafado pelo bater da porta.)*

*(Ouve-se a música do salão de danças. TOM vai até à murada e segura-se a ela desesperadamente, erguendo o rosto banhado pelo luar pálido e glacial, que penetra no desfiladeiro estreito do beco.)*

LEGENDA NA TELA: "E agora... Adeus..."

*(As palavras finais de TOM sincronizam-se com a pantomima no interior do apartamento. A cena*

189

À MARGEM DA VIDA

interior é representada como se fôsse vista através de um vidro à prova de som. AMANDA parece estar consolando LAURA com palavras. LAURA está empolada sôbre o sofá. Agora, que não podemos ouvir o monólogo de AMANDA, ela perdeu seu aspecto tolo e surge como uma figura dotada de dignidade e de uma beleza trágica. O cabelo escuro de LAURA oculta sua face até o final da fala de sua mãe, quando ela ergue o rosto sorrindo para AMANDA. Os gestos de AMANDA são lentos e cheios de graça, quase como os de uma dançarina, enquanto conforta a filha. Ao terminar de falar, olha um momento para a fotografia do pai — e depois se retira pelos reposteiros. Ao terminar a fala de TOM, LAURA sopra a vela, encerrando a peça.)

TOM

Não fui para a Lua. Fui para muito mais longe... pois o tempo é a distância maior que existe entre dois lugares...

Pouco depois daquela noite, fui despedido por escrever poemas na tampa de uma caixa de sapatos.

Parti de São Luís. Desci os degraus desta escada de incêndio pela última vez e segui, daí em diante, os passos de meu pai, tentando encontrar no movimento, na mudança, o que eu perdera no espaço... Viajei bastante por esse mundo afora. As cidades giraram em tórno de mim como fôlhas mortas caindo, fôlhas de côres deslumbrantes mas cortadas de seus ramos.

Muitas vêzes eu quis me deter, mas era impelido para diante por alguma coisa.

Era algo que me colhia sempre de surpresa, de repente. Talvez fôsse uma melodia conhecida, talvez fôsse apenas um pedaço de vidro transparente...

190

TENNESSEE WILLIAMS

Ou, às vêzes, estou andando por uma rua, à noite, numa cidade desconhecida, antes de encontrar amigos ocasionais. Passo pela vitrina iluminada de uma loja de perfumes. A vitrina está cheia de pedacinhos de vidro colorido, garrafas pequenas, transparentes, de côres delicadas, fragmentos de um arco-íris destruído...

Então, repentinamente, minha irmã toca meu ombro. Volto-me e a olho fundo nos olhos...

Oh, Laura, Laura! Tentei tanto deixá-la para trás, no passado, mas *eu lhe* tenho sido mais fiel do que pretendia!

Tiro um cigarro do maço, atravesso a rua, vou ao cinema ou entro num bar, bebo qualquer coisa, falo com o estranho que me está mais próximo — faço qualquer coisa para apagar as velas que você acendeu!

(LAURA curva-se sôbre as velas.)

pois hoje em dia é o relâmpago que ilumina o mundo! Sobre suas velas, Laura, e agora... adeus!

(Ela sopra as velas, apagando-as.)

A cena se dissolve

INSTITUTO DE ARTES  
BIBLIOTECA

191

INSTITUTO DE ARTES  
BIBLIOTECA